



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA,
DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO**

**CORPOS (IN)VISÍVEIS:
A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES NEGRAS NA ASSOCIAÇÃO
CULTURAL MOVIAFRO**

Suellen Cardoso Amaral

CACHOEIRA- BA
2022

CORPOS (IN)VISÍVEIS: A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES NEGRAS NA ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO

Suellen Cardoso Amaral

**Bacharel em Psicologia
Universidade Salvador,
2017**

Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito final para obtenção do Título de Mestra em Ciências Sociais (Área de Concentração: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento).

Orientador (a): Profa Dra Suzana Moura Maia
Coorientador (a): Profa Dra Dyane Brito Reis

CACHOEIRA– BA
2022

A485c Amaral, Suellen Cardoso.

Corpos (in)visíveis: a mobilização política de mulheres negras na associação cultural moviafro. / Suellen Cardoso Amaral. Cachoeira, BA, 2022.
114f.; il.

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Moura Maia
Coorientadora: Profa. Dra. Dyane Brito Reis Santos

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento, 2022.

1. Negras – Atividades Políticas. 2. Negras – Aspectos Sociais. 3. Associação Cultural Moviafro. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 305.488

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB. Responsável pela
Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)

(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES,
HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS MESTRADO EM
CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA, DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO**

**CORPOS (IN)VISÍVEIS: A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES
NEGRAS NA ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO**

COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE

**Suellen Cardoso Amaral
Realizada em 21/12/2022**

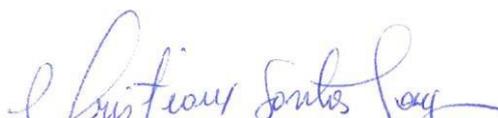


Profa Dra. Suzana Moura Maia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Examinador Interno (Orientadora)

Profa Dra. Dyane Brito Reis
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Examinador Interno (Co-orientadora)



Dra. Luciméa Santos Lima
Examinador Externo



Profa Dra. Cristiane Santos Souza
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por me conceder esta oportunidade. À minha família por todo suporte e pelo incentivo à pesquisa, eu amo vocês! Aos amigos por me fortalecerem nos momentos que pensei em desistir e as mulheres negras que me antecederam, lutando e resistindo para que eu pudesse escrever hoje.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento (PPGCS) que contribuiu com a minha formação. Saliento que o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

À coordenação da Associação Cultural Moviafro, na pessoa de Val Conceição, que autorizou que esta associação fosse o campo da pesquisa, assim como agradeço as companheiras do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras (NUMNEGRAS) que são as interlocutoras da pesquisa e contribuíram de forma generosa nas entrevistas.

A Prof.^a Dr^a Suzana Moura Maia, minha orientadora que resistiu comigo meio à uma pandemia da Covid-19 e me deu apoio intelectual, material e emocional para que eu pudesse desenvolver a pesquisa. Foram muitas emoções compartilhadas, mudanças de rotas, tensões, lágrimas e sorrisos, obrigada, Su!

À Prof.^a Dr^a Dyane Brito Reis, que na condição de co-orientadora, me ajudou a construir um estudo amparado nos movimentos negros e das mulheres negras. Também reconheço a importância da Prof.^a Dra Zelinda dos Santos Barros, por ter feito uma leitura cuidadosa e sugestões de melhorias.

Às professoras Dr^a Ângela Lucia Silva Figueiredo e Dr^a Cristiane Santos que durante a qualificação do mestrado, contribuíram com excelência para este estudo. À Prof.^a Dra. Luciana Brito, que me supervisionou no estágio docência e contribuiu com diversas reflexões para a pesquisa.

Ao Prof. Dr. Thiago de Araújo Pinho, por todo cuidado e comprometimento, por ter me acompanhado desde os primeiros dias de aula no mestrado até o dia da defesa, muito obrigada. Diversas pessoas e coletivos me ajudaram, eu não cheguei aqui sozinha e como diria Sued Nunes, *“sou uma, mas não sou só”*.

LISTA DE FIGURA

Figura 1- Período do curso de Psicologia da Universidade Salvador (UNIFACS) a partir de 2013	7
Figura 2- Participação no encontro MOVIAFRO de mulheres negras da associação cultural MOVIAFRO em 2019.	9
Figura 3- Cartaz de Divulgação	50
Figura 4 - . Registro de tela da live “Encontro Moviafro de Mulheres Negras” (2020)	69
Figura 5 - Cartaz do Sarau das Pretas (2020)	72
Figura 6 - Campanha Outubro Rosa promovida pelo Núcleo Moviafro de Mulheres Negras durante a pandemia da Covid-19 em 2021	74
Figura 7 - Foto de protesto	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil socioeconômico das participantes do NUMNEGRAS53

Quadro 2 - Narrativas representativas das mulheres negras55

SUMÁRIO

1.....	INTRODUÇÃO	07
1.1	METODOLOGIA	12
1.2	CONSIDERAÇÕES TEÓRICA	19
2.	A ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO: OS NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE	25
2.1	APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL	26
2.2	APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO NEGRO NA BAHIA	32
2.3	APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO NEGRO EM FEIRA DE SANTANA	35
2.4	A ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO	37
2.5	AS AÇÕES DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO	39
3.	MOBILIZAÇÃO POLÍTICA: O NUMNEGRAS	48
3.1	APRESENTAÇÃO DO NÚCLEO MOVIAFRO DE MULHERES NEGRAS	48
3.2	O PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PARTICIPANTES DO NÚCLEO MOVIAFRO DE MULHERES NEGRAS	51
3.3	NARRATIVAS REPRESENTATIVAS DAS MULHERES	54
3.3.1	Tema 1 – Trajetória política anterior ao NUMNEGRAS	57
3.3.2	Tema 2 – Coletividade e Mobilização Política	61
3.3.3	Tema 3 – Significado do NUMNEGRAS	65
3.4	MOBILIZAÇÃO POLÍTICA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19	66
4.	OBSTÁCULOS ENFRENTADOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO PELAS MULHERES NA MOBILIZAÇÃO POLÍTICA	75
4.1	DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NEGRAS	76
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
6.	REFERÊNCIAS	101
	ANEXOS	109

RESUMO

Na cidade de Feira de Santana, no interior da Bahia, mulheres negras se reúnem na Associação Cultural Moviafro na luta contra o racismo e em prol da equidade de gênero. Este estudo analisou a mobilização política destas mulheres, tendo como universo de pesquisa o Núcleo Moviafro de Mulheres Negras (NUMNEGRAS) da Associação Cultural Moviafro, um grupo que promove articulação política na cidade. O objetivo geral da pesquisa foi analisar como esta mobilização política das mulheres negras se caracteriza e os objetivos específicos foram contextualizar a história da Associação Cultural Moviafro e a relação com os movimentos negros; identificar as estratégias de mobilização política e também os desafios enfrentados pelas mulheres na luta. O percurso metodológico escolhido para realizar o presente estudo qualitativo foi amparado em três pilares principais, sendo estes: entrevistas semi-estruturadas com as interlocutoras da pesquisa, observação participante de ações e debates realizadas pela Associação, análise temática com base nas entrevistas e uso dos arquivos virtuais publicados pela Moviafro nas redes sociais e blog.

Palavras-chave: mobilização política; mulheres negras; interseccionalidade, Feira de Santana/BA

ABSTRACT

In the city of Feira de Santana, in the interior of Bahia, black women gather at Associação Cultural Moviafro in the fight against racism and in favor of gender equality. This study analyzed the political mobilization of these women, having as research universe the Núcleo Moviafro de Mulheres Negras (NUMNEGRAS) of Associação Cultural Moviafro, a group that promotes political articulation in the city. The general objective of the research was to analyze how this political mobilization of black women is characterized and the specific objectives were to contextualize the history of Associação Cultural Moviafro and the relationship with black movements; identify political mobilization strategies and also the challenges faced by women in the struggle. The methodological path chosen to carry out this qualitative study was supported by three main pillars, namely: semi-structured interviews with the research interlocutors, participant observation of actions and debates, thematic analysis based on the interviews and use of published virtual files by Moviafro on social networks and blog.

Keywords: political mobilization; black women; intersectionality, Feira de Santana/BA

1. INTRODUÇÃO

O tema deste estudo surgiu da minha experiência enquanto mulher negra jovem, oriunda da periferia de Feira de Santana, estudante universitária e também da vivência na Associação Cultural Moviafro. Uma das minhas inspirações é a escritora Maria Carolina deJesus que em meio à favela de Canindé, na cidade de São Paulo, resistiu e escreveu. Do lado de cá, vindo da periferia da Rua Nova, em Feira de Santana – BA, eu também escrevo e resisto.

Figura 1- Período do curso de Psicologia da Universidade Salvador (UNIFACS) a partir de 2013



Fonte: Arquivo Pessoal

No ano de 2013, aos dezoito anos, no segundo semestre do curso de Bacharelado em Psicologia na Universidade Salvador (UNIFACS), comecei a questionar o processo de branqueamento e comportamentos colonizados que estavam presentes na minha trajetória: na estética, nos discursos e nas práticas. Essa experiência do branqueamento, é abordada por Munanga (2004), sobre a questão da identidade do negro, quando afirma que:

[...] num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras.

Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno- semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. (2004,p. 52)

A partir desta compreensão e experiência dolorosa de um ideal do branqueamento surgiram diversos questionamentos sobre minha experiência no mundo e sobre as experiências negras coletivas. Durante tais reflexões participei de rodas de conversas, espaços formativos nas universidades tanto públicas quanto privadas e espaços não acadêmicos, no movimento hip hop ou mesmo nos ensaios percussivos de afoxé.

Essa aprendizagem esteve relacionada à “pedagogia da diversidade”, que trata da dimensão política e de reflexão sobre a própria identidade, pois “pensar a relação entre educação e identidade negra nos desafia a construir, juntos, uma pedagogia da diversidade. Além de nos aproximarmos do universo simbólico e material, que é a cultura, somos desafiados a encarar as questões políticas”. (GOMES, 2002, p.47).

Desse modo, esse processo de (des)aprender nas rodas de conversas, com as rimas dos MC's, nas ruas, nas praças, nos gritos em avenidas, me aproximou também dos grupos e das organizações. Entre elas encontrei a Associação Cultural Moviafro, que é uma associação em Feira de Santana-BA atuante no debate dos movimentos negros. Os anos foram passando e, em 2019, assumia coordenação de um dos núcleos que compõe a associação, que é Núcleo Moviafro de Mulheres Negras (NUMNEGRAS).

Assumi este compromisso ainda muito tímida, por que apesar de conhecer minimamente sobre feminismo e ter participado de alguns debates acerca das relações raciais, não sabia ao certo como poderia contribuir coordenando um grupo de mulheres diversas, inclusive de gerações anteriores a minha. Além disso, havia o fato de eu ser trabalhadora e naquele momento estar dentro de uma relação de namoro compartilhando a mesma residência e com uma série de tarefas domésticas, o que me fez questionar muito se eu teria tempo e energia para arcar com tamanha responsabilidade.

Estas inseguranças, a partir da experiência de opressão na sociedade, são vistas na produção de Luiza Bairros, quando nos anos 1990 situa o fato de que as mulheres negras em uma sociedade desigual, racista e sexista, experimentam a

opressão dentro de uma matriz de dominação de raça, classe e gênero, de um ponto de vista diferente:

(...) a experiência da opressão sexista e dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos. Assim, uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista. (BAIRROS, 1995, p. 461)

Desde 2019, tenho participado das atividades propostas e das ações afirmativas do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras na Associação Cultural Moviafro. É o “Encontro Moviafro de Mulheres Negras” que é um dos encontros anuais do grupo com participação do público externo e foi naquele momento que eu vi ao meu lado mulheres negras militantes e também algumas pesquisadoras negras, a partir disso refleti sobre a importância de pesquisar acerca da identidade racial de mulheres negras, pois ver outras mulheres negras que alcançaram seus títulos, me inspirou a também pesquisar.

Figura 2- Participação no encontro Moviafro de Mulheres Negras da Associação Cultural Moviafro em 2019.



Fonte: Blog da Moviafro

Naquele momento, me debrucei sobre o processo de entrada na universidade e como poderia relacionar o campo do movimento negro com o campo acadêmico. Com o passar do tempo fui lendo, refletindo, discutindo, participando de aulas no

programa de Ciências Sociais e identifiquei na literatura atual que seria viável aprofundar a pesquisa não apenas sobre identidade racial, mas sobre o processo de mobilização política das mulheres negras, tendo como base as Ciências Sociais, mais especificamente os estudos antropológicos.

A partir dessa decisão, entendi que o universo da pesquisa de fato seria o Núcleo Moviafro de Mulheres Negras, que é um grupo iniciado em 2017 com menos de dez mulheres e que em 2021 chegou a ter 49 mulheres, dentre elas pesquisadoras, universitárias, trabalhadoras, estudantes, vendedoras, estilistas, professoras e participantes de entidades, movimentos sociais e órgãos governamentais. Esse grupo exerce no interior da Bahia uma mobilização contra o racismo, a discriminação, o sexismo, o machismo, a misoginia e outras formas de opressão com ações afirmativas, debates, rodas de conversa, lives, entre outras possibilidades. Percebendo a carência de produção acadêmica acerca de como ocorre essa mobilização de mulheres negras no interior da Bahia, decidi ampliar a discussão e escrever a partir das narrativas das mulheres negras que compõem o núcleo.

Meu interesse foi justamente compreender, a partir delas, quais são suas estratégias de mobilização política, como essas mulheres se organizam e principalmente quais são os desafios enfrentados na luta. Assim, este estudo teve como pretensão colaborar com o debate sobre as lutas das mulheres negras, considerando também a minha própria trajetória, visto que assumo no grupo uma posição simultânea de coordenadora e pesquisadora.

Assim, concentro neste estudo uma investigação sobre as mulheres negras em mobilização política no interior da Bahia, um grupo que foi gestado a partir da necessidade de pautar as demandas com base nas questões de gênero e raça, que pudessem contemplar as realidades das mulheres no âmbito da Moviafro, e busco trazer contribuições para o campo dos movimentos políticos negros e de mulheres negras em particular, na realidade feirense.

Ter abordado as mulheres negras com traços semelhantes aos meus, ter me relacionado com elas e (re)visitar a minha própria história dialogando com suas vivências não foi uma tarefa fácil. Passei meses sem conseguir olhar pra pesquisa e nem escrever, eu percebi que no início ocorria uma resistência, ao passo que ao acessar as lutas das mulheres negras eu percebia que acessava minhas memórias de dores e os desafios nas situações racistas.

Este estudo partiu de um compromisso político de conversar sobre e com as mulheres negras, sujeitas estas que são alvos da tríade de discriminações: gênero, raça e classe. No começo deste estudo, a pesquisa tinha como tema central a identidade racial, porém foi identificado na literatura que dialogar sobre mobilização política no interior da Bahia, principalmente a partir das próprias mulheres negras, seria uma possibilidade de contribuir com o universo desta pesquisa nas Ciências Sociais.

O grupo surgiu também da reflexão de que historicamente as mulheres negras no Brasil, principalmente no Nordeste, passaram por inúmeros desafios para alcançar sua emancipação subjetiva, material, política e social. ONUMNEGRAS tem como objetivo dar visibilidade a luta pela sobrevivência e conquista de direitos no campo da saúde, educação, trabalho, lazer, assim como debater a história das mulheres negras, considerando suas repercussões na realidade atual e mapeando novas estratégias de luta tendo como exemplo: Tereza de Benguela, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Dandara dos Palmares, Sueli Carneiro, Chica do Pandeiro, dentre outras.

Além disso, o Núcleo tem como objetivo um diálogo maior com a sociedade através de diversas estratégias, buscando definir uma agenda de intervenção nas esferas públicas e nos espaços de decisão política e mobilização política junto a instituições e coletivos, tais como outras associações, cooperativas, terreiros, quilombos, centros comunitários, escolas, universidades, local de trabalho, galpões culturais, postos e unidades de saúde, feiras, clubes, blocos e afexés. A partir de um modelo de organização definido desde a criação do núcleo, que em seus encontros quinzenais, ficou definida uma agenda e programação das atividades a serem desenvolvidas pelo grupo que, além das citadas acima, inclui visitas a territórios onde as mulheres negras estão inseridas no município e região, onde tornam-se agentes de transformação.

Tendo em vista a compreensão da complexidade e alcance da trajetória e agenda atual do NUMNEGRAS, tive como pergunta norteadora da pesquisa o próprio processo de mobilização política das mulheres negras da Moviafro. Desta forma, é importante resgatar que essa pesquisa tem como objetivo identificar e analisar como se caracteriza a mobilização política das mulheres negras na Associação Cultural Moviafro em Feira de Santana – BA. Para tanto, busca contextualizar a história da

Associação Cultural Moviafro e a relação com os movimentos negros, assim como identificar as estratégias de mobilização política e os obstáculos enfrentados pelas mulheres na luta.

Além disso, esta pesquisa pretende contribuir com o movimento negro enquanto movimento social no sentido de tornar visível a mobilização que ocorre no município feirense e incluir na circulação científica o debate sobre o mesmo. Este estudo poderá também ter um retorno para o núcleo enquanto memória das estratégias que ocorrem dentro da associação, a fim de produzir reflexões sobre a mobilização política e possibilidades de mudanças nos modos de organização interna, contribuindo em prol de suas lutas por igualdade de direitos.

1.1 METODOLOGIA

Tradicionalmente, a metodologia de pesquisa em Ciências Sociais foi construída dentro de um recorte clássico, em que há uma divisão entre sujeito e objeto como fundamento de uma pesquisa. Como resultado desse positivismo, a metodologia, enquanto uma sessão dentro de um projeto, artigo, dissertação ou tese, muitas vezes é entendida a partir de uma abordagem distanciada e fria, sendo vista como pura descrição dos métodos utilizados ou como uma simples aplicação desses métodos. Nesse modelo positivista, cravado numa epistemologia clássica, o mundo é entendido como um espaço externo e disponível para ser dissecado.

De acordo com Boaventura [...] a epistemologia construiu um modelo hegemônico de ciência moderna, oriundo do modelo de racionalidade que se constituiu a partir da revolução científica do século XVI, e que alcançou seu apogeu no século XIX. Uma das características mais destacada nesse contexto foi a omissão do sujeito na produção do conhecimento (FIGUEIREDO 2020, p. 7-8)

Dessa forma, é possível perceber a partir das referências teóricas que se encontram nessas páginas, que esse “modelo frio” de metodologia foi substituído aqui por um “modelo quente”. Em vez de uma divisão entre sujeito e objeto, como se existisse um abismo entre os dois, a pesquisa seguiu por um caminho mais relacional, algo imprescindível para pesquisas que trazem a posicionalidade como aspecto fundamental na pesquisa.

[...]o aspecto prioritário presente no debate sobre posicionalidade, e sobre o lugar do sujeito na produção do conhecimento, é o lugar da enunciação, isto é, a localização de nacionalidade, étnica ou racial, de classe e de gênero do sujeito que enuncia. Nas epistemologias ocidentais, o sujeito que falava estava sempre encoberto, pois isso assegurava o suposto mito da neutralidade (FIGUEIREDO, 2020, p. 9).

A crítica deste modelo clássico é fundamental para uma pesquisa que apresenta a atuação da (o) pesquisador (a) dentro e fora do campo, sendo ao mesmo tempo pesquisadora e militante. Um exemplo desse engajamento metodológico, é justamente esta pesquisa que realizei sobre mobilização política de mulheres negras em Feira de Santana – BA. Antes de ser militante no campo e ser pesquisadora, sou uma mulher negra, e isto é um fator que constitui um tipo de “conhecimento situado” (Haraway, 1995) na construção de meu conhecimento científico.

Portanto, o diferencial em minha pesquisa de campo é que vivenciei a realidade de atuar em dois papéis distintos, sendo militante e pesquisadora, o que revelou a necessidade do processo constante de vigilância epistemológica. A vigilância epistemológica é intensificada principalmente quando o sujeito não é apenas uma pesquisadora, mas também uma agente engajada em arranjos de resistência e mobilização política. Essa transição por dois universos, o acadêmico e dos movimentos sociais, demanda um processo constante de reformulação das nossas categorias epistemológicas, principalmente na tentativa de manter uma coerência e continuidade entre essas duas esferas.

Segundo Bourdieu “a vigilância epistemológica impõe-se, particularmente, no caso das ciências do homem nas quais a separação entre a opinião comum e o discurso científico é mais imprecisa do que alhures” (BOURDIEU, 2010, p. 23). Como a fronteira entre as ciências humanas e o senso comum não é tão evidente, até pelo nível de porosidade entre essas fronteiras, o cuidado do sociólogo precisa ser redobrado. Mas qual seria o risco trazido pelo senso comum? Segundo Bourdieu e Bachelard, em momentos distintos, o risco é o essencialismo e a naturalização. Em vez de entender os fenômenos como transitórios, frágeis e questionáveis, o senso comum muitas vezes naturaliza o que enxerga ao redor, principalmente suas próprias categorias de compreensão da realidade. Esse essencialismo (naturalização), segundo Bourdieu, é um perigo no percurso da ciência.

Normalmente é pensado que a ciência é uma esfera afastada de assuntos sociais e pessoais e que o processo epistemológico de repensar categorias e critérios seria algo descolado do que acontece no mundo concreto. A vigilância epistemológica, por outro lado, não demanda um tipo de neutralidade e não exclui a imersão prática, mas amplia as possibilidades, levando a um campo novo de questionamentos, problemas e dúvidas. Isso significa que a vigilância epistemológica não pode ser vista como uma recusa do saber cotidiano, mas um tipo de refinamento, um cuidado adicional, já que o pragmatismo do dia a dia não é definido por esse gesto cuidadoso. A pesquisa científica, seja ela básica, aplicada, quantitativa, qualitativa, mista, descritiva ou exploratória, exige do (o) pesquisador (a) um posicionamento vigilante conforme o delineamento da pesquisa e decisão quanto ao percurso metodológico. Durante a leitura de referenciais que embasem a pesquisa que proponho, identifiquei conceitos tais como pesquisa engajada, militante, ativista, saber localizado/situado, abordagem decolonial, feminista e feminista negra.

Esta crença em um espaço mais horizontal e menos violento não se encontra distante. Por conta disso, reitero minha posição de militante pesquisadora. Em determinados momentos a escrita torna-se dolorosa, mesmo compreendendo que é profícua e que este processo de rompimento é fundamental para o desenvolvimento de outras narrativas no espaço acadêmico, além da ampliação do vínculo entre movimento negro e academia. Nesse sentido, essa produção foi fruto deste processo criativo do protagonismo negro, especificamente das mulheres negras. Através desta movimentação consigo perceber que estas questões também são relevantes para referenciar a minha escrita, como uma espécie de enfrentamento duplo à marginalização, configurando-se também como mobilização política a própria localização do saber.

Em determinados momentos, pensei que no território acadêmico sou estrangeira ou construo uma produção marginalizada. Neste sentido, Patricia H. Collins (2016) nos auxilia a questionar: como a posição de “estrangeiro” na academia, como “intelectuais marginais”, a exemplo da comunidade afro – americana, consegue resgatar uma postura crítica que esses indivíduos trazem ao universo acadêmico? Como essa posição de “outsider” é essencial para o desenvolvimento criativo das próprias áreas de pesquisa e até mesmo formas de mobilização política?

As ferramentas de pesquisa precisam ser entendidas como elementos dentro de arranjos simbólicos e ideológicos, demandando rigor na investigação, principalmente por conta dos efeitos da colonização em nossas ferramentas teóricas e metodológicas. Durante a pesquisa surgiram algumas reflexões, como por exemplo: como manter a vigilância epistemológica e realizar uma netnografia no grupo na qual estou inserida enquanto coordenadora? Consigo manter o saber localizado na pesquisa mesmo neste papel duplo de pesquisadora e militante? Irei expor durante a pesquisa os desdobramentos destes questionamentos.

Esse nível de intenso engajamento de pesquisa, as modificações no campo também afetaram o percurso da investigação. A pandemia do Covid-19, que atravessou 2020-2021, foi um grande divisor de águas, produzindo ao mesmo tempo novas limitações, assim como novas possibilidades. Não apenas minhas interlocutoras no campo tiveram que alterar suas rotinas, mas também eu, enquanto pesquisadora e militante, também sofri os efeitos dessa nossa configuração de realidade.

As reuniões da MOVIAFRO, antes presenciais, migraram para o terreno online, e outras formas de interação virtual foram muito intensificadas no processo. Isso significa que não apenas minha estrutura metodológica foi modificada, quer eu gostando ou não, como as “metodologias” das minhas interlocutoras também passaram por uma significativa transformação, já que elas precisaram adaptar e muito suas rotinas.

Nesse cenário, onde a pandemia afetou a todos, a própria divisão entre sujeito e objeto sofreu um novo impacto, sendo impossível ser sustentada diante de circunstâncias tão complexas e difusas. Se antes era ainda possível questionar o vínculo entre sujeito e objeto, ciência e senso comum, com a pandemia esses questionamentos fazem cada vez mais sentido, principalmente porque muitos pesquisadores tiveram suas ferramentas metodológicas comprometidas algo que demandou adaptar suas estratégias epistemológicas em busca de responder os seus objetivos de pesquisa mantendo o rigor científico.

Identificar o saber localizado na pesquisa, manter a vigilância epistemológica e construir um referencial teórico que condiz com a proposta da mobilização política na realidade do campo pesquisado não foram os únicos desafios encontrados no início do processo da pesquisa. Junto aos pesquisadores do Programa de Pós-

Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e milhares em todo o mundo, algo inesperado ocorreu e que me solicitou uma nova reconfiguração de produção científica enquanto pesquisadora e participante do campo pesquisado.

Essa dimensão inesperada afetou a vida de todos e interferiu no percurso metodológico, definição teórica de produções científicas, seja no campo das ciências humanas, biológicas ou exatas. No Brasil, dentro das Ciências Sociais consta um número significativo de atualizações metodológicas das pesquisas científicas, reflexos sobre impactos da pandemia sobre questões sociais, políticas, culturais e econômicas e isto não pode ser despercebido no processo.

A pesquisa foi remodelada ao novo contexto e à proposta inicial de entrevistas semiestruturadas em encontros presenciais, modificada a partir da ordem de isolamento físico e ausência de contatos presenciais para prevenção à contaminação de Covid no campo de pesquisa. Posteriormente, após vacinação em massa e retorno de encontros presenciais seguindo os protocolos, foi sugerido novamente a possibilidade de as entrevistas e as observações serem presenciais.

A pesquisa se constituiu enquanto um estudo qualitativo com o seguinte percurso metodológico: entrevistas semiestruturadas com as integrantes do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras; análise temática das narrativas das mulheres; observação participante do grupo e registros das *lives* virtuais com aporte da netnografia. A análise temática das entrevistas e observação das informações nas *lives* teve como intuito compreender as estratégias de articulação e militância política, que se deslocou para o espaço virtual. O Instagram da Associação Cultural Moviafro foi escolhido como uma das redes para observação, pois nesta rede social as participantes do grupo realizam grande parte de suas ações e discussões.

Neste sentido, a netnografia, por ser uma forma especializada de etnografia e utilizar comunicações mediadas por computador, tem uma abordagem voltada ao meio virtual na qual é possível compreender os fenômenos sociais que acontecem na internet. Os quatro passos da netnografia importantes são: identificar-se e informar os constituintes relevantes sobre a pesquisa, pedir permissões apropriadas; obter consentimento quando necessário; citar e dar o devido crédito aos membros. (KOZINETS, 2014, p.132)

Tanto a netnografia das *lives* do “Encontro Moviafro de Mulheres Negras” - evento anual escolhido para análise – quanto as entrevistas semiestruturadas tiveram o intuito de conhecer as interlocutoras envolvidas, compreender quais temas são recorrentes, observar e analisar a participação delas (quantidade, problemáticas levantadas, proposições, etc), compreender a dinâmica organizacional das *lives*, identificar quem organiza, como se organiza e como acontecem as divulgações.

Nestes eventos, realizei a observação participante ou “participação observante”, estando presente nas *lives* e registrando informações, discursos, gestos e organização das interlocutoras, identificando os temas propostos e analisando, posteriormente, de que forma os discursos que aparecem nessa mobilização política desenvolvem posicionamentos “contra-hegemônicos”. Além das *lives*, realizei a netnografia também no Blog Moviafro, com o intuito de analisar as publicações sobre o Encontro Moviafro de Mulheres Negras, compreendendo as estratégias de divulgação pelo Blog Moviafro. Realizei também análise de dados secundários, através de sites locais e da região sobre a mobilização das mulheres negras.

Para as entrevistas semiestruturadas com as participantes do NUMNEGRAS foi construído um roteiro de questões buscando identificar o perfil socioeconômico das entrevistadas, a trajetória política antes da entrada no coletivo, as motivações para participarem deste grupo, a apresentação do próprio Núcleo Moviafro de Mulheres Negras, o significado de mobilização política para elas e as estratégias usadas pelas participantes do NUMNEGRAS em sua mobilização política.

Para as entrevistas foram convidadas 10 (dez) das 49 (quarenta e nove) mulheres participantes do NUMNEGRAS que possuem entre 27 a 55 anos para responderem questões sobre mobilização política, estratégias de luta e organização, obstáculos para participação, para o que foi utilizado um roteiro considerando o objetivo da pesquisa. Foram entregues às interlocutoras o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que a participação da pesquisa acontecesse de forma livre e espontânea vontade, sendo elas informadas do propósito da mesma.

No início da pesquisa, o grupo era composto por uma média de quarenta mulheres, passando, no período da pandemia, para quase sessenta mulheres no grupo do Whatsapp. Porém, este número caiu radicalmente durante a reformulação dos núcleos da Moviafro, mais especificamente, na reformulação das regras de

participação colocadas pelo NUMNEGRAS. Essa reformulação se deu da seguinte maneira: no dia 06 de janeiro de 2022, a coordenação geral da Associação Cultural Moviafro inseriu no grupo do Whatsapp de todos os núcleos o informe acerca da reformulação e também da importância da filiação na Associação Cultural Moviafro.

Os novos critérios foram colocados não apenas no Núcleo Moviafro de Mulheres Negras, mas também nos outros núcleos para que pudesse haver uma reorganização em relação a participação de membros da Associação. De acordo com os novos critérios, passou-se a ter a exigência de uma dedicação maior para a participação efetiva, quando foi criado um Grupo de Trabalho mais restrito para as mulheres de fato que poderiam participar ativamente.

No NUMNEGRAS, as novas exigências acarretaram uma redução significativa na participação ativa no número de mulheres, muitas mulheres do grupo informaram a sua indisponibilidade em se manter no grupo enquanto grupo de trabalho (GT) efetivo. Ou seja, a partir daquele momento, em janeiro de 2022, dois grupos de Whatsapp começaram a ser gerenciados, um intitulado Grupo de Trabalho com as integrantes que se colocaram à disposição para dar continuidade nos trabalhos, ações afirmativas, debates de forma mais ativa, e em outro grupo do Whatsapp mais geral, com os informes sobre o que foi deliberado pelo GT assim como pela própria associação.

Então, no grupo de trabalho (GT) para elaboração das ações, discussões do núcleo, apenas um total 10 (dez) mulheres permaneceram neste período de reformulação, e atualmente este grupo mais atuante passou de 10 para 16 (dezesesseis) participantes.

Durante a pesquisa, realizei entrevistas com as mulheres do grupo mais efetivo, visto que as outras estavam em um grupo geral que não é considerado o NUMNEGRAS em si, mas um grupo de repasse das informações que são decididas pelo GT. Escolhi, então, entrevistar as mulheres que participam do grupo que idealiza atualmente as ações e os debates e também os realizam. Por não ter entrevistado as mulheres do grupo geral e não ter uma relação direta com elas, não consegui delinear o perfil socioeconômico delas e assim identificar a classe que elas ocupam em nível de percentual. No geral, sei que entre elas se encontram estudantes universitárias, professoras de escolas públicas e particulares, estilista, psicóloga, atrizes, entre outras profissões. Sei também que circulam em sua maioria de

transporte público ou com carros de aplicativos, residem em Feira de Santana/BA tanto em bairros periféricos quanto as que residem no centro da cidade, ambas na área urbana.

Acerca da origem delas, não há quilombolas, mas Feira de Santana/BA é uma cidade que abarca diversos territórios quilombolas e pode ocorrer de ter mulheres quilombolas dentro do grupo. Não apenas a categoria classe, mas também questões sobre identidade de gênero, sexualidade, religiosidade, interesse político, dentre outras, seriam importantes considerar numa futura pesquisa para aprofundamento do tema.

Assim, ressaltamos que as mulheres que permaneceram fizeram de algum modo uma mobilidade social, pois são em quase sua totalidade mulheres que acessaram o ensino superior, a pós-graduação, algumas sendo concursadas ou mesmo aposentadas. Esse é um indicador que deve também ser levado em conta nessa permanência e assiduidade das que compõem o núcleo no período em que realizei as entrevistas em fevereiro de 2022.

1.2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICA

Feministas negras contribuem para esta pesquisa a partir de conceitos e debates com a produção sobre: feminismo negro, mobilização política, afirmação identitária, estética, reconhecimento, luta por igualdade de gênero e raça dentro dos movimentos negros e feministas, obstáculos e formas de organização. Esta vasta produção contribui para a análise das estratégias de organização das mulheres negras do NUMNEGRAS e dos obstáculos enfrentados pelas mesmas. Os diversos obstáculos enfrentados pelas mulheres são observados em diversos locais do mundo e o combate não nasce na contemporaneidade. De acordo com a obra “Mulheres, raça e classe” da feminista negra Angela Davis (1981), também nos Estados Unidos ocorreram experiências de violência, expropriação do corpo e vida além da desumanização durante a escravidão.

Na história das lutas das mulheres negras no Brasil, há evidências de que o movimento de mulheres e o movimento negro não pautavam as especificidades da intersecção entre raça e gênero, por isso mulheres negras lutaram pelo reconhecimento das múltiplas opressões e necessidades que as mesmas

enfrentavam. Enquanto as mulheres brancas lutavam contra a desigualdade de gênero e o movimento negro lutava contra o racismo; era preciso 'enegrecer o feminismo' como uma estratégia de combate, como relata Sueli Carneiro:

Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta. (CARNEIRO, 2003, p.5):

O feminismo negro surgiu como força política organizada na década de 1970, em meio a uma série de mobilizações que ocorriam por parte de movimentos sociais e reivindicações no campo dos Direitos Humanos, quando o Movimento de Mulheres Negras (MMN) passou a pautar veementemente a inclusão na agenda política e de militância debates antes não mencionados, como relata a autora Luiz Bairos (1995)

O Feminismo Negro propôs um novo olhar sobre as experiências das mulheres, que ressaltasse as diferenças entre estas em contraponto a uma homogeneização que visibilizava as condições específicas das mulheres quando se articulava a raça, etnia, classe, orientação sexual e outras categorias (BAIROS, 1995, p. 462).

Neste sentido, o primeiro aspecto levantado aqui é sobre a mobilização política de mulheres negras para combater as assimetrias sociais e desigualdades, presentes principalmente em contextos de racismo devido às formas nas quais o mesmo se manifesta contra as mulheres negras.

Segundo o trabalho pioneiro de Lélia Gonzalez (1988), sobre o qual não podemos deixar de citar, o racismo pode apresentar taticamente duas formas para manter a "exploração/opressão": o racismo aberto e o racismo disfarçado. A primeira forma é encontrada, principalmente, em países de origem anglo – saxônica e a segunda predomina nas sociedades de origem latina. No racismo disfarçado, "prevalecem as 'teorias' da miscigenação, da assimilação e da 'democracia racial", e esta forma de o racismo se manifestar, afirma a autora ao pensar o Brasil, impede a "consciência objetiva desse racismo sem disfarçese o conhecimento direto de suas práticas cruéis" (1988a, p. 72), pois a crença historicamente construída sobre a miscigenação criou o mito da inexistência do racismo em nosso país.

Independente se o racismo se expressa de forma aberta ou disfarçada, mulheres negras se mobilizam com o intuito de dirimir essas assimetrias e construir possibilidades de ser e existir no mundo. Essa luta se manifesta de diversas formas e a representatividade tem alargado espaços em lugares de poder. Outra importante autora que menciona essa experiência no mundo é Nilma Lino Gomes (2003) ao abordar que o corpo passa a ser objeto a se constituir em agente que vivência o mundo e que carrega consigo não apenas os marcos dessa experiência, mas também as possibilidades de sua transformação.

Considerando a afirmação de Gomes, os corpos das mulheres negras que se mobilizam são aqueles que não carregam consigo apenas as marcas da experiência da desigualdade de gênero e raça, mas que contribuem com a transformação social, assim como uma série de avanços e conquistas que as mulheres negras fizeram e ainda fazem na realidade brasileira. Essa mobilização ocorre em paralelo à afirmação identitária, pois majoritariamente as mulheres negras que combatem as desigualdades sociais também assumem a identidade negra e este ato político é estratégico na agenda de luta e militância, principalmente na realidade da sociedade brasileira que o mito da democracia racial é difundido com o intuito de deslegitimar e desmobilizar os movimentos sociais. Nesse sentido Nilma Lino Gomes (2011) expõe que:

A identidade negra é entendida como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo (GOMES, 2011, p. 149).

Esse processo identitário construído historicamente mencionado pela autora é atravessado cotidianamente pelas diversas formas de expressão do racismo. Quanto mais distantes dos corpos brancos e dos ideais da colonialidade e dominação, mais estes corpos negros se aproximam da exclusão social de um padrão de beleza.

Deve-se lembrar que Frantz Fanon pensava o racismo não apenas como manifestação individual dos sujeitos, mas sim como cultural e ao que hoje podemos nomear de racismo estrutural, isto é, a “prática racista que se encontra inscrita na estrutura social, econômica, histórica e cultural das sociedades ocidentais” (Fanon, 1980, p.83). Situar os processos de subjetivação, aceitação e autoimagem associados

ao racismo se insere nesta pesquisa como contribuição ao debate racial e à visibilidade dos impactos do mesmo, no sentido de potencializar o conjunto de expressões e reações incutidas nas mobilizações políticas dentro e fora do território brasileiro.

Historicamente, dentro da realidade brasileira, a sociedade toma como padrão o homem branco e heterossexual, seja a partir de contornos estéticos, religiosos e epistemológicos. Deste modo, observa-se que os sujeitos que se distanciam e subvertem a conduta normativa são discriminados, negados e punidos seja pelo racismo, sexismo, lgbtqifobia e outros modos de violências.

A discussão acerca da produção identitária dialoga com o conceito de estética negra que, para militantes negros, é associada à autoafirmação e aceitação de um discurso político refletido nos próprios corpos, ou seja, uma experiência estético-política que vai além de um corpo e uma noção de beleza, mas atrela a estética aos discursos de representatividade, empoderamento, reconhecimento, aquilombamento, como relatado por Silva (2019):

[...] há uma contradição própria do discurso colonial de dominação que os atinge da mesma forma, uma vez que se, por um lado, seus corpos constituem historicamente uma fonte de erotização e exotização, por outro lado, são ao mesmo tempo excluídos dos padrões de beleza considerados hegemônicos, constituídos e afirmados a partir do corpo branco. Desse modo, a produção estética como ferramenta de combate à discriminação racial tem sido uma questão cara ao ativismo negro.” (SILVA, 2019)

Essa experiência estético-política da afirmação da identidade negra é interpelada pelo fluxo das múltiplas opressões no cotidiano, seja pela via da raça, classe, gênero, sexualidade, e se constituem como ativos de desempoderamento. Esse cruzamento de opressões é situado pela autora Kimberlè Crenshaw (2002), quando a autora afirma que:

[...] utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. (CRENSHAW, 2002)

Apesar deste cruzamento de opressões por diversos eixos, o cenário contemporâneo reflete não apenas um conjunto de violências voltadas à população

negra, mas também um processo crescente de organização política e de resistência, como é possível observar em artigos, jornais, revistas, debates, sendo também uma luta presente nos núcleos de mulheres que participam ativamente de movimentos negros.

Historicamente, as mulheres negras passaram, e continuam passando, por inúmeros desafios para alcançarem a emancipação subjetiva, material, política e social nas esferas do âmbito privado e coletivo. Um dos desafios é a luta por igualdade de gênero e raça dentro dos próprios movimentos negros e feministas, assim como o reconhecimento das diferenças entre os “problemas” vivenciados pelas mulheres brancas dos “problemas” vivenciados pelas mulheres negras, como mencionado pela autora Audre Lorde:

Como mulheres, compartilhamos alguns problemas; outros, não. Vocês temem que seus filhos cresçam, se unam ao patriarcado e deponham contra vocês; nós tememos que nossos filhos sejam arrancados de dentro de um carro e sejam alvejados no meio da rua, e vocês darão as costas para os motivos pelos quais eles estão morrendo.” (LORDE, 2002, p. 148)

Na medida em que as mulheres negras dialogam sobre as múltiplas formas de violência, inclusive, diferenças nos desafios vivenciados, elas começam também a pautar as possibilidades do conceito de “ser mulher” e a crítica da universalidade do conceito de mulher, assim como seu essencialismo e dualismo, crítica esta que foi intensificada principalmente dentro do feminismo negro, com figuras como Patricia Collins, Kimberlé Crenshaw, além de autoras brasileiras como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Carla Akotirene, dentre outras.

É preciso salientar que as mulheres negras, ao consolidarem suas narrativas e reconhecendo suas vivências enquanto uma potencialidade política relevante, tornam evidente a luta pelos direitos civis e combate às assimetrias sociais, inclusive no que diz respeito ao acesso à justiça, emprego, educação e saúde. Esta luta se agrega a “[...] luta pela libertação de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, na busca pela descolonização de suas mentes” (hooks, 1995, p.464).

Essa libertação das pessoas oprimidas e/ou exploradas, citado pela feminista negra bell hooks, é demonstrada na contemporaneidade pelo estabelecimento de medidas e ações que possam humanizar as pessoas negras e garantir seus direitos,

assegurando, por exemplo, acesso a saúde, que é um dos campos que a militância tem buscado refletir como possibilidade para eliminação das disparidades raciais.

A autora Jurema Werneck (2016), ao abordar o racismo institucional no que diz respeito à saúde da população negra, defende a necessidade de ações afirmativas e outras medidas:

[...] implica o estabelecimento de medidas singularizadas, baseadas em diagnósticos aprofundados e igualmente singularizados, os quais devem fundamentar o desenho de processos, protocolos, ações e políticas específicos segundo as necessidades e singularidades de cada grupo populacional. Assim, é preciso estabelecer medidas facilitadoras da aproximação e acesso, de modo a superar as barreiras interpostas ao exercício do direito à saúde pelas mulheres negras. É necessário, também, utilizar métodos e linguagens inteligíveis, que respeitem e dialoguem com os diferentes valores, crenças e visões de mundo, os quais devem ser produzidos com a participação dos sujeitos a que se quer beneficiar; além de priorizar ou incluir diferentes grupos de mulheres negras – que vivenciam condições semelhantes de idade, de local de moradia, de geração, de orientação sexual, de condição física e mental etc. –, de sendo ser adequadamente informados em cada uma das fases da tomada de decisões terapêuticas, de processos e de políticas (WERNECK, 2016, p. 549)

Consequentemente, se faz necessário pesquisas como essa que destaquem com profundidade as circunstâncias políticas e configurações raciais que estão relacionadas as vivências das mulheres negras, por exemplo, no estabelecimento de medidas e ações de combate e luta no cotidiano, como citado pela autora Jurema Werneck.

Diversas feministas negras, a exemplo de Angela Davis, Bell Hooks, Kimberlé Williams Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Jurema Werneck, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Nilza Iraci, Luciana de Oliveira Dias, Beatriz Nascimento, e referências atuais como Djamila Ribeiro e Carla Akotirene que apontam: a mobilização política entre mulheres negras está presente num amplo espectro de lutas que envolve diálogos sobre estética negra, religiosidades de matrizes africana, interseccionalidade entre gênero, raça e classe, movimento político *Black Power* no Brasil entre 1970 e 1980, luta nas regiões quilombolas, ribeirinhas, pesqueiras, e também a realidade das mulheres negras ambulantes nos centros da cidade ou as empregadas domésticas.

Neste contexto, a autora Sueli Carneiro (2003) demonstra que as mulheres negras brasileiras encontraram seu caminho de autodeterminação política, soltaram as suas vozes, lutaram por espaço e representação e se fizeram presentes em todos os espaços de importância para o avanço das reivindicações da mulher brasileira hoje. Segundo a autora, esta foi a temática que mais cresceu politicamente no movimento de mulheres do Brasil, integrando, espera-se que definitivamente, a questão racial no movimento de mulheres:

[...] na possibilidade de construção de um modelo civilizatório humano, fraterno e solidário, tendo como base os valores expressos pela luta antirracista, feminista e ecológica, assumidos pelas mulheres negras de todos os continentes, pertencentes que somos à mesma comunidade de destinos (CARNEIRO, 2003, p. 5).

Reconhecer essa construção com base na luta antirracista e feminista negra é primeiramente romper com o silêncio que é encontrado em pautas feministas universalizantes, que tradicionalmente invisibilizaram as mulheres negras. Outra feminista negra que traz à tona essa crítica é a intelectual Djamila Ribeiro (2017) que ao abordar o 'lugar de fala' aponta a importância da discussão estrutural baseada na matriz de dominação e da interseccionalidade como fundamental para o rompimento de hegemonias e garantia de representatividades. Por conta disso, reitero minha posição de militante e pesquisadora, ao escrever sobre estes conceitos e participar da militância no feminismo negro. Sendo assim, utilizo estas referências com base em um posicionamento político na pesquisa, ao mencionar a base teórica das feministas negras hoje clássicas para a análise junto às interlocutoras de minha pesquisa.

2. A ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO: OS NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

Neste capítulo, apresento a história da Moviafro que é o campo onde essa pesquisa foi realizada e se concentram as ações das mulheres aqui examinadas. Delineio, portanto, os caminhos percorridos pelas pessoas que compõem a Moviafro do período de fundação até os dias atuais. Entre tantas encruzilhadas no interior da Bahia, a Associação Cultural Moviafro se destaca em Feira de Santana/BA pela luta desde 2014, quando foi fundada.

São diversas as ações e debates alinhados ao campo cultural, inclusive partindo de pessoas negras que consolidaram resistências ao longo do tempo. Considerando que os nossos passos vêm de longe, apresento inicialmente alguns apontamentos da história do movimento negro no Brasil, depois da Bahia e do movimento negro feirense, trazendo algumas reflexões sobre a trajetória que antecede a mobilização política das mulheres aqui pesquisadas.

Existem diferentes abordagens acerca do marco da história do movimento negro no Brasil. Isto por que alguns autores apontam seu início desde as lutas negras na resistência ao sistema escravocrata com as revoltas e as constituições dos quilombos, e outros que dão ênfase no movimento negro contemporâneo, tomando como referência as organizações e lutas travadas através de processos organizados, como associações, clubes, escolas de samba e afoxés.

Há os que vão tomar como referência os anos 1970, quando há a criação do Movimento Negro Unificado (MNU). Considero que a linha do tempo no movimento negro brasileiro tem em sua trajetória uma série de estratégias de luta, desde o período colonial e da pós-abolição até os dias atuais. No entanto, neste trabalho, serão consideradas apenas algumas delas, mais precisamente os modos de resistência à colonização do saber¹ e poder² e de resistência à violação dos corpos negros no território brasileiro, começando com a experiência pós-abolição da escravatura em 1888.

2.1 APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

No período pós-abolição ocorreram agrupamentos e mobilizações políticas entre as pessoas negras, como, por exemplo, em atividades associativas e organizadas política e culturalmente. Os jornais da imprensa negra e grupos reivindicativos como a Frente Negra Brasileira (1931-1937), o Clarim d'Alvorada, entre muitos outros, desenvolviam atividades e ações efervescentes que seriam

¹ REIS, Diego dos Santos. A Colonialidade do Saber: Perspectivas Decoloniais para Repensar a Univers(al)idade. (2022)

² QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Ver em: A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. (2005)

interrompidas, em 1937, reestruturando-se somente no fim dos anos 1940, como afirma Domingues:

No período pós-abolição ocorreu também uma organização coletiva nas famílias das pessoas negras, neste período pessoas ex-escravizadas se organizaram realizavam a mobilização política necessária na luta pela sobrevivência, “o pós-abolição da escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, são um período marcante para o futuro dos negros brasileiros, deixando de ser apenas um “ex-escravo” ou liberto.” (DOMINGUES,2008, pág.10)

Principalmente a partir de 1888, pessoas negras se movimentavam com o objetivo de tentar se reorganizar, saindo da condição de escravizadas para vivência em liberdade. Entretanto, pela ausência de políticas e medidas imediatas de reparação histórica, as lutas se consolidaram no cotidiano, em prol da emancipação social do povo negro.

Ainda sobre este período, de acordo com Pinto (2014), ocorreram as experiências de homens negros, livres, letrados, atuantes na imprensa e no cenário político-cultural das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, que reagiram ao racismo e às restrições ao exercício da cidadania, como por exemplo Arthur Carlos, Ignácio de Araújo Lima, Theophilo Dias de Castro e outros. Nessa experiência comum em relação ao racismo, eles desenvolveram uma postura que se opunha à negação da identidade racial pautada na perspectiva de miscigenação e de uma concepção biológica em relação à raça.

Ao passar do tempo, muitas pessoas negras precisaram consolidar estratégias para ter acesso à saúde, educação, alimentação, trabalho e outros direitos que atualmente estão teoricamente amparados nas leis. Reitero que é algo amparado teoricamente, visto que grande parte da população negra ainda vive em situação de extrema pobreza e desigualdade social.

Uma das partes mais chocantes em relação aos reflexos contemporâneos do processo de colonização e escravização no Brasil é o discurso insistente do negacionismo, do mito da democracia racial e da lógica de igualdade entre todos, uma grande farsa que sustenta o racismo estrutural na sociedade brasileira contemporânea. Na conjuntura política atual, discursos negacionistas e de deslegitimação do movimento negro são recorrentes e intencionais. Estas são costumeiramente posturas que denotam um descompromisso social e político em

relação ao desenvolvimento social, político e econômico do país em que a maior parte da população é negra.

Ao longo da história, as pessoas negras que lutavam por melhores condições de existência perceberam que associar coletivamente as pessoas a uma proposta de mobilização política seria mais coerente do que lutas individuais sobre as ausências e fragilidades de direitos básicos. Cito aqui a criação da Frente Negra Brasileira, em 1931, uma das primeiras e mais importantes instituições políticas articuladas nacionalmente:

[...] É importante retomar o papel da Frente Negra Brasileira. Esta associação de caráter político, informativo, recreativo e beneficente surgiu em São Paulo, em 1931, com intenções de se tornar uma articulação nacional. Composta por vários departamentos, promovia a educação e o entretenimento de seus membros além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos. (GOMES, 2017, pág. 11)

A Frente Negra Brasileira teve um papel de grande relevância na consolidação da emancipação das pessoas negras que viviam nesta época, uma articulação que também é considerada uma referência na história do movimento negro em nosso país. Neste período, existia um cenário político com ausência de reparação histórica para a população negra. Mesmo assim, a FNB consolidou ações e debates fundamentais para a sobrevivência das pessoas negras. Outras estratégias foram colocadas em prática, como por exemplo o Teatro Experimental do Negro (TEN) (1944-1968), onde pela primeira vez no território brasileiro, pessoas negras não apenas se reconheceram na produção artística e cultural, mas acessaram debates sobre seus contextos, protagonizaram e marcaram a trajetória do teatro no Brasil, dando centralidade às experiências negras.

Ainda em outubro de 1944, surge a primeira proposta teatral engajada do Teatro Experimental do Negro (TEN). Em seu manifesto, o Teatro Experimental do Negro propunha-se a: integrar o negro na sociedade brasileira; criticar a ideologia da branquidade; valorizar a contribuição negra à cultura brasileira; mostrar que o negro era dotado de visão intelectual e dotar os palcos de uma dramaturgia intrinsecamente negra. Logo de saída, ficava evidente que esse coletivo não pretendia ser somente um empreendimento teatral.

Os objetivos listados pelo grupo demarcam muito explicitamente uma ação política, organizada para atuar na área de formação e educação básica da população negra (notadamente trabalhadores dos baixos extratos sociais); na organização de seminários, congressos e outros eventos de natureza político-partidária e social; na produção de jornais e revistas; e na promoção de eventos socioculturais, a fim de promover a valorização das expressões negras no país (NASCIMENTO, 2004, p.13).

O TEN marcou não apenas o “fazer teatro”, mas inaugurou um debate fundamental para a emancipação coletiva do povo negro, subsidiando o fortalecimento da população negra como uma espécie de “aquilombamento”, em que suas ações eram consideradas como forma de empoderamento e mobilização política.

[...] nasceu para contestar a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros e resgatar a herança africana na sua expressão brasileira. O TEN alfabetizava seus primeiros participantes, recrutados entre operários, empregados domésticos, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos, e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a indagar o espaço ocupado pela população negra no contexto nacional. (NASCIMENTO, 2004, pág. 11)

O TEN teve um papel no processo de escolarização das pessoas negras, não se constituindo apenas em atividades artísticas e culturais de entretenimento. Enquanto outra parte da população brasileira, com outra classe e raça, tinha assegurado o direito à educação e os recursos necessários para acesso e permanência estudantil, o TEN concentrava seus esforços em minimamente garantir a alfabetização da população negra em situação de vulnerabilidade social. O Teatro Experimental do Negro desenvolve a construção de intervenções que diferem de uma lógica de entreter o público, buscando oferecer uma oportunidade de reflexão crítica social e compreensão de dilemas vivenciados pelas pessoas negras no que diz respeito a conjuntura política e estrutura social do país.

Neste trabalho, há uma crítica à ideologia da branquidão e também a busca pela valorização da contribuição negra à cultura brasileira, e a proposta do Teatro Experimental do Negro é um dos alicerces vistos na construção do Mês da Consciência Negra, justamente pela responsabilidade política e social que o grupo tem no que diz respeito à atividade cultural e artística cênica em prol do movimento negro.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2017), a atuação do Movimento Negro também se deu nos fóruns decisivos da política educacional. Reivindicada pelas organizações negras desde o início do século XX, a inclusão dos negros na escola pública aparecia como demanda recorrente nos debates educacionais dos anos de 1940 e 1960.

A participação nos fóruns da política educacional, conforme mencionado no parágrafo anterior, foi de suma importância para a população negra brasileira, pois eram nesses espaços onde os debates aconteciam e também onde o modelo político educacional vigente era refletido criticamente. Sem a participação de uma articulação de questões e movimentos, as pautas teriam sido colocadas de forma individualizada e não teriam força para a devida manutenção daquilo que era fundamental para a população negra brasileira neste contexto.

Diálogos que versavam sobre questões jurídicas, também tensionavam o desenvolvimento das legislações concernentes à realidade da educação no país, e, assim sendo, ocorria então uma disputa de poder, de saber e enfrentamento ao processo de colonização ainda vigentes na época. Alguns anos depois, mais precisamente na década de 1970, mais uma vez a luta construída pelas pessoas negras no território brasileiro passa por mudanças e em São Paulo surgiu então Movimento Unificado Contra a Discriminação Étnico-Racial (MUCDR).

De acordo com Pereira (2010), neste período de 1970, o combate à discriminação racial e a denúncia do mito da democracia racial ocorreu ao mesmo tempo em que se buscava a afirmação de uma identidade racial negra positivada, o que passou a ser característica fundamental do movimento negro contemporâneo no Brasil.

Posteriormente, em dezembro de 1979, o MUCDR passa a ser chamado de Movimento Negro Unificado, nome que conserva até hoje (Gomes apud Pinho 2003). A trajetória do MNU é marcada principalmente por ter consolidado estratégias de luta e combate de forma incisiva no que diz respeito à ocupação de espaços de controle social e atuação direta junto à população, além de impulsionar uma interlocução para o povo negro. A partir do MNU, os temas e discussões sobre relações étnico-raciais se tornaram mais frequentes e ganharam mais visibilidade³. Os debates e

³ Mais recentemente, em 2014, ocorreu a 17ª edição do Congresso Nacional do Movimento Negro Unificado com o objetivo de eleger a nova coordenação nacional do movimento e comemorar 36 anos

ações que fomentavam as necessidades da população negra foram de suma importância para que mudanças sociais, políticas e econômicas pudessem entrar em vigor. Porém, as mulheres negras perceberam que a questão de gênero não poderia ser deixada de lado. Lélia Gonzalez por exemplo, afirma que a questão das mulheres deveria ter centralidade no debate, apresentando na sua produção, já naquela época, uma análise crítica sobre a participação feminina no movimento negro.

Lélia Gonzalez afirma que não apenas a questão de raça era uma pauta a ser reivindicada, mas especificamente a realidade das mulheres negras, ou seja, o esforço das militantes do MNU para que naquele contexto não fossem desconsideradas as realidades nas quais as mulheres negras se encontravam, sua luta, resistência e mobilização política dentro ou fora do Movimento Negro Unificado.

Outras mulheres negras também trouxeram questões de gênero para dentro do movimento negro e não apenas neste, como também no movimento feminista. Um exemplo é Sueli Carneiro que, ao refletir sobre o processo de enegrecer o feminismo, relata sobre essa resistência das mulheres negras pela agenda política que possa reconhecer suas especificidades:

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil. (CARNEIRO, 2003, pág.2)

Além de Sueli Carneiro, Matilde Ribeiro também situa essa luta pelo protagonismo feita pelas mulheres negras ao abordar os desafios dentro dos próprios movimentos negros e feministas para que não houvesse uma invisibilidade de questões importantes para mulheres negras:

[...] desenvolve-se a perspectiva de sedimentação macroestrutural dos princípios da diversidade. Porém, são apresentados desafios no interior dos próprios movimentos. Constata-se que, à medida que são conquistados os

de sua existência, com a cerimônia de abertura na Praça Pedro Archanjo no Pelourinho, em Salvador. O evento reuniu delegados de 15 estados brasileiros, com a intenção de discutir e elaborar ações de combate ao racismo no país.

protagonismos, aprofundam-se complexidades e dificuldades organizativas e teóricas. As mulheres negras têm elaborado crítica sistemática aos movimentos negro e feminista em relação à invisibilidade e à secundarização das questões específicas. (RIBEIRO, 2008, pág. 4)

Também é apontado por Santos (2014), o fato de que as ações individuais e coletivas de mulheres negras conseguiram e conseguem aglutinar outras mulheres negras, com a finalidade de alcançar direitos civis e humanos, no combate ao racismo e ao machismo, compartilhando, dessa forma, objetivos comuns, mas sem tornar um grupo caracterizado pela homogeneidade abstrata, pois é considerado o cotidiano dessas mulheres e suas individualidades. Desde então, e há mais de quarenta anos, as militantes do MNU pautam a questão da mulher negra no contexto brasileiro como um elemento central na luta antirracista, levantando a necessidade de priorização desse tema, que não era tratado como consenso dentro dos movimentos negros. Por isso é importante reiterar que as mulheres negras nos movimentos resistiram com o intuito de centralizar o debate considerando as questões das mulheres negras, e trazendo uma reflexão sobre sua institucionalização em várias esferas de mobilização política.

2.2 APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO NEGRO NA BAHIA

Saindo de uma ótica geral do território brasileiro e afunilando para o contexto nordestino, uma série de ações aconteceram no que diz respeito ao movimento negro dentro do território baiano e que antecederam a formação da Associação Cultural Moviafro. Reconhecer estes passos é relevante, visto que estes influenciaram na criação dos diversos movimentos negros no interior da Bahia.

Discutir sobre os movimentos negros na Bahia é também resgatar a relação direta com a implementação de políticas em prol da população negra e no combate às assimetrias sociais, pois no histórico de resistências da Bahia, temos uma série de grupos que lutaram e continuam lutando contra o racismo. Pela representatividade e importância para o movimento negro, inicio pelo Movimento Negro Unificado na Bahia (MNUBA), que é um dos importantes movimentos no Nordeste que atuam de forma veemente contra o racismo, a discriminação racial e a violência contra o povo negro. Foi feita uma busca na literatura para identificar a data de criação do MNUBA, porém

não foi localizada; nos registros do blog do MNUBA a data mais antiga que aparece é o período de 2013.

O MNUBA destaca-se por ser um desdobramento do MNU a nível nacional, que de acordo com o Estatuto do Movimento Negro Unificado no artigo 4º, caracteriza-se como uma entidade nacional de caráter político, democrática e autônoma, realizando atendimento social sem distinção de raça, gênero, orientação sexual, instrução, convicções religiosas ou filosóficas, bem como a portadores de deficiência.

Além deste, destaca-se também o artigo 5º, em que o MNU visa combater o racismo, o preconceito de cor e as práticas de discriminação racial, em todas as suas manifestações, buscando construir uma sociedade da qual sejam eliminadas todas as formas de exploração. Entende-se que o MNUBA, por questão de ordem, segue a padronização do MNU a nível nacional e corrobora com as reivindicações expostas acima.

Ao longo dos anos, de 2013 a 2022, uma série de ações foram desenvolvidas pelo MNUBA, a fim de cumprir com o programa de ação e lutas prioritárias do MNU, tais como:

a consolidação de um movimento negro independente; luta pelo fim da violência policial e contra a “indústria” da criminalidade; mobilizações pelo fim da discriminação racial no trabalho; a resistência por uma educação voltada para os interesses do povo negro e de todos os oprimidos; pelo fim da manipulação política da cultura negra; contra a exploração sexual, social e econômica da mulher negra; pelo fim da violência racial nos meios de comunicação; pela solidariedade internacional à luta de todos os oprimidos.” (RAMOS, 2021, pág. 204)

No ano de 2013, se reuniram em uma plenária representativa cerca de 10 regiões do estado da Bahia o Movimento Negro Unificado para coordenação do biênio 2014-2016. Este momento importante aconteceu no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Salvador/BA, marcando um novo período de lutas. Neste encontro uma das pautas levantadas foi a política de segurança pública que de acordo com o MNUBA tem contribuído para o genocídio da juventude negra. De acordo com o Relatório “*A cor da Violência Policial: A Bala não erra alvo*” (Araújo, 2021) _que analisa dados das vítimas da violência policial em quatro estados (Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará e Pernambuco) pela cor das vítimas, a população negra é a que mais morre independentemente do tamanho populacional. Enquanto na Bahia 76% da população é negra e, em São Paulo 35%, em ambos os estados lideramos os índices de

assassinatos pela Polícia [...] outra ação que ocorreu ainda em 2013, de extrema relevância simbólica, foi a lavagem da Estátua Zumbi dos Palmares, na Praça da Sé em Salvador, com a participação de representantes de diversas entidades ligadas ao Movimento Negro e a Marcha da Consciência Negra no percurso entre o Campo Grande e a Praça da Sé. Apontando para importância da mulher negra, este evento teve como tema “20 anos sem Lélia Gonzalez”, promovida pela Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN).

Essa prática coletiva de organização negra na rua teve o intuito de, durante o evento público, chamar a atenção da sociedade e das autoridades competentes, assim como da imprensa para que a Consciência Negra tenha maior visibilidade e legitimidade política, como abordado por Cardoso:

Há uma repetição de discriminação e há a inaceitabilidade do preconceito. Isso tem que ser desmascarado, tem de ser, realmente, contra-atacado, não só verbalmente, mas também em termos de mecanismos e processos que possam levar a uma transformação, no sentido de uma relação mais democrática, entre raças, entre grupos sociais e entre as classes (CARDOSO, 1996, p. 16).

Como parte destes atos simbólicos, também foi instituída a Caminhada da Liberdade, em 2014, que sai do Curuzu em direção ao Centro Histórico, ocasião em que, além de lembrar a trajetória de Zumbi dos Palmares, homenageou naquele ano o ator e ativista Mário Gusmão (1928-1996). A caminhada foi realizada pelo Fórum de Entidades Negras da Bahia e reuniu durante o percurso milhares de participantes e entidades, como o Ilê Aiyê⁴.

São ações como estas que dialogam com a luta antirracista e que dentro do repertório do movimento negro levam ao conhecimento público a trajetória de um líder tão importante e simbólico para a população negra, principalmente na Bahia. É importante lembrar que outro importante movimento político da Bahia é a organização negra “*Reaja ou será Morta, Reaja ou será Morto*” (Reaja), que tem levado às ruas de Salvador uma série de ações, dentre elas Marchas Internacionais Contra o Genocídio do Povo Negro. Através da mobilização, pessoas pretas marcham em prol de suas vidas, a fim de politizarem seus mortos e criarem coletivamente estratégias de

⁴ Bloco afro, situado em Salvador – Ba, de grande relevância histórica para o movimento negro na Bahia e no Brasil.

enfrentamento ao racismo, uma prática também considerada como modalidades do movimento negro, como menciona Gomes:

Entende-se como movimento negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação, da história e da cultura negra no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. (GOMES, 2017, p. 24).

Outra grande conquista dos movimentos negros baianos foi a aprovação, em maio de 2014, pela Assembleia Legislativa da Bahia, da Lei que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa. Também podemos apontar para a aprovação do estatuto que garante a reserva de 30% das vagas para a população negra nos concursos públicos.

2.3 APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO NEGRO EM FEIRA DE SANTANA

O movimento feito por pessoas negras em Feira de Santana também não é recente; desde o período escravagista existiram resistências e tentativas de fuga e liberdade. Essas ações foram fundamentais para consolidação da liberdade de muitas pessoas negras no município feirense, e foi a partir deste conjunto de mobilizações que na contemporaneidade nós, mulheres negras, continuamos a lutar pelos nossos direitos.

Muitas mulheres negras dentro das difíceis situações em que vivemos têm se proposto a lutar constantemente em meio às perseguições, ameaças e violências. Inúmeras foram personagens fundamentais à frente do combate, inclusive em lutas que marcam a história da população negra baiana, e mais especificamente em Feira de Santana, como mencionado pela pesquisadora Karine Damasceno em sua pesquisa sobre a história da luta das mulheres negras:

No contexto de Feira de Santana, a maior visibilidade das mulheres negras na luta por liberdade legal em família demonstrou que, a despeito do acúmulo de opressões – aliás, por isto mesmo –, elas foram personagens centrais na luta pela liberdade legal. Além disso, a cultura do cuidado como algo imposto a todas as mulheres é um indicativo de que o patriarcalismo, de fato, foi um

componente que, nas décadas de 1870 e 1880, também fez parte das relações construídas entre mulheres e homens negros durante e depois do cativeiro.(2019, p.18)

Karine Damasceno menciona o caso, em 1876, da crioula Maurícia de Tal e de outras mulheres na resistência pelo direito de ser dona de si no contexto escravocrata em Feira de Santana, em que estas mulheres se insurgiam contra as múltiplas violências escravagistas:

Não só no caso de Maurícia de Tal, mas na maior parte das ações analisadas, as autoras receberam sentenças contra a liberdade tanto em primeira quanto em segunda instância. Entretanto, a capacidade dessas personagens de acionar o poder judicial com tudo o que isso implicava – a construção de uma narrativa de liberdade plausível de ser crível pelos juízes; conseguir alguém para escrever uma petição para ser entregue ao juiz municipal; negociar com um curador para defender a causa diante da justiça; identificar alguém com condições de aceitá-la como depositário para poder se afastar do domínio senhorial, e quem sabe ter alguma autonomia enquanto o caso tramitava; convencer pessoas a testemunhar a seu favor mesmo contra gente poderosa; bem como, recorrer junto ao Tribunal de Relação da Bahia em caso de uma sentença contra a liberdade, demonstrou quanto o protagonismo dessas mulheres foi determinante para acabar com a escravidão no Brasil.” (2019, pg. 217)

Deste período até os dias atuais muitas ações de resistências ocorreram,mas, apesar de reconhecer a profundidade e complexidade histórica dos movimentos, escolho o ano de 2014 como um marco da pesquisa, visto que é o ano em que a Associação Cultural Moviafro é formada em Feira de Santana-BA.

Assim, no ano de 2014, ocorreu a edição do Bando Anunciador da Festa de Senhora Santana que, de acordo com o historiador Aldo Silva (2015), é uma importante manifestação cultural e histórica de Feira de Santana. Com participação dos mais diversos segmentos populares e faixas etárias, essa é uma das festas que apresenta a continuidade e profundidade histórica das manifestações negras e de religiões afro-brasileiras na cidade de Feira de Santana. Ao longo de sua existência, as características e a composição do Bando se alteraram bastante. No século XIX, segundo os estudiosos do assunto, o Bando era formado por cavaleiros que saíam em marcha pela cidade, sem a participação feminina. No início do século XX, as mulheres já começam a integrar os grupos que, então, a pé, faziam o anúncio da Festa. Por volta da década de 1940, têm-se evidências de que outros elementos das religiões afro-

brasileiras começam a se fazer mais presentes, incrementando o lado sincrético da festa.

O ano de 2014 foi marcado também por outros eventos que se constituíram em força impulsionadora dos movimentos negros de Feira de Santana, como o *Pandeirada Fest*, idealizado pelo empreendedor cultural Gilson Moreira (Zulu), que teve como objetivo fortalecer a música afro e eventos culturais no município de Feira de Santana. Neste evento, houve o protagonismo de músicos da periferia e de outros bairros que desenvolvem cultura afro em Feira de Santana, com intuito de enaltecer a cultura de Matriz Africana.

Houve também o Lançamento do Bloco Forró de Benin, no mês de junho, sendo proposto por Neto de Gandhi, um dos participantes da música afro de Feira de Santana que idealizou um bloco solidário na cidade. O bloco faz alusão ao país de Benin, localizado na região ocidental da África. Também foi criado o Projeto Percussivo Música Afro, com o intuito de iniciar jovens e adolescentes na Música Afro em Feira de Santana.

No cenário cultural e artístico, também em 2014, a música afro de Feira de Santana teve destaque no show do Grupo de Samba Sambatuk, ao se apresentar no espaço Quintal dos Bambas. Na oportunidade, estavam no repertório as músicas do Olodum, Ilê Aiyê, sons de Ijexá, Ilê Pérola Negra, entre outros e o intuito do grupo foi de dar visibilidade às raízes da música afro no município.

2.4 A ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO

A Associação Cultural Moviafro foi fundada, no ano de 2014, no bairro Rua Nova que é um bairro importante na cidade na difusão da cultura negra. A Moviafro surge então com a proposta inicial de ressignificar e requalificar o movimento negro feirense a partir da promoção de eventos culturais e sociais. Desde seu início, como “Grupo Cultural Moviafro”, foi idealizada pelo produtor cultural Valmilton Conceição, conhecido como Val Conceição, e pelos fundadores Viviane Carvalho, Anne Santos, Joanne Silva, Marcos Tanferi, Flávia Sacramento, Anny Santos e Ronildo Carlos.

Este grupo também é fruto das experiências de Val Conceição no Bloco Afro “Império Africano”, na “Associação das Entidades Culturais de Feira de Santana” e no “Bloco Afro Filhos de Malé”. Valmilton Conceição Pereira dos Santos, compositor,

cantor e percussionista feirense, que assina artisticamente como Val Conceição, nasceu em 21/12/1972, no bairro da Rua Nova. Mudando o título de “Grupo Cultural Moviafro” para “Associação Cultural Moviafro” em 2014, desde o início tem ligação com outros grupos culturais, hoje representa cerca de 16 instituições, tais como o “Nzó de ‘Tempo Zará” e “Centro de Culto Africano da Nação Angola”, também situados na Rua Nova. A associação foi impulsionada por desafios vivenciados pelo Movimento Negro no município, pois, de acordo com os fundadores da associação, muitos militantes históricos do movimento negro de Feira de Santana à época envelheceram, alguns morreram, enquanto os mais jovens que permaneceram não conseguiram conciliar militância, estudo, família e trabalho. O ainda hoje coordenador da Moviafro, Val Conceição, afirma também que existiam aqueles que faziam das manifestações e apresentações culturais como moedas de troca, o que enfraqueceu ainda mais um movimento negro naquele período. Neste contexto, era necessário, dentro do movimento negro local, um representante que dialogasse com todas as esferas e que pudesse provocar reflexões acerca da cultura afrodescendente.

Em relação ao modelo de organização, eram realizadas reuniões semanais onde se discutiam as ações a serem realizadas, relacionando questões de raça, gênero, educação, segurança, justiça, cidadania, cultura e inclusão social. Todos esses assuntos foram temas de debates e a promoção, fomento e fortalecimento desses itens estão colocadas como prioridade no estatuto da Moviafro. É válido salientar que a associação não é uma espécie de consórcio, visto que o Código Civil através da Lei nº 10.406/02 define associação como a união de pessoas físicas ou jurídicas que se organizam para fins não econômicos. A Moviafro é uma associação composta por entidades que praticam a filantropia e buscam defender interesses comuns.

São filiadas à Associação Cultural Moviafro, entidades, blocos afros, afoxés, escolas de samba, e blocos de reggae. O objetivo da filiação das entidades é a representatividade da Moviafro junto ao poder público e a iniciativa privada. Existem situações em que principalmente o poder público discute com os representantes das mais diversas classes e a Moviafro, haja vista que esta representa uma ampla gama de entidades que fazem parte do Movimento Negro de Feira de Santana. Há ainda outras entidades que demonstraram interesse em filiar-se e estão aguardando avaliação da diretoria. A essas entidades, a Moviafro oferece assessoria jurídica, contábil, psicológica, médica em alguns casos e de captação de recursos através de

editais de incentivo. Para atender os diversos afiliados, a Moviafro tem buscado ampliar o seu campo de atuação com a formação de núcleos específicos, buscando realizar atividades direcionadas as questões de gênero, a intolerância religiosa e sobre racismo.

2.5 AS AÇÕES DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL MOVIAFRO

A Associação Cultural Moviafro promove ações e atos públicos com o objetivo de discutir o papel das pessoas negras na sociedade brasileira, buscando colocá-las num lugar alternativo ao da subalternidade imposta pelo suposto fim do regime escravocrata. Neste sentido, a Moviafro se posiciona no município feirense como uma organização que reúne entidades e mobiliza politicamente, tensionando órgãos públicos, dialogando com a sociedade civil, escutando a população negra feirense nos debates e inserindo na agenda do movimento negro local o combate ao racismo, a intolerância religiosa, a discriminação racial e o machismo, e em prol da igualdade racial e pela equidade de gênero.

Ao longo dos anos de sua existência, é possível perceber que os atos públicos e eventos realizados pela Moviafro dialogam sobre diversos temas, estando presentes nas mídias e dialogando com o debate teórico publicado por intelectuais negras e negros, como por exemplo, o debate sobre estética negra, a religiosidade de matrizes africanas, política, arte, cultura, saúde, direitos e deveres, raça, gênero e outros temas correlatos na agenda política.

Um dos primeiros eventos que compõem a agenda anual do cronogramada Moviafro é a Missa Afro e o Cortejo pela Paz. Estes momentos religiosos corroboram com a existência de uma epistemologia negra como possibilidade de desconstrução do racismo religioso. Nogueira (2020), em seu debate sobre Intolerância Religiosa, sinaliza que as violências sofridas pelas populações de Comunidades Tradicionais de Terreiro, geralmente classificadas como “intolerância religiosa”, na verdade consistem em manifestações do racismo brasileiro.

Neste sentido, a Moviafro se mobiliza contra a intolerância religiosa e em prol do respeito às religiões, realizando essa missa e o cortejo com participação coletiva de religiões diferentes, a fim de contribuir com a luta das comunidades de matrizes africanas do município e região. A Missa Afro visa fortalecer o vínculo entre a igreja

e a população afrodescendente, além de combater a intolerância religiosa. Não obstante, essa temática religiosa tem sido de fato umadas áreas mais afetadas de acordo com a literatura sobre laicidade e Estado. Como mencionado por Nogueira, a temática religiosa na contemporaneidade tem se mostrado – tanto no plano nacional quanto internacional – como uma das dimensões da cultura mais afetadas, cotidianamente, pelos efeitos corrosivos das práticas de discriminação e intolerância.

Em todos os casos assistimos a tais efeitos de modo sempre mediado pela amplificação assumida pelas estratégias midiáticas. São discursos e ações presentes nos veículos que produzem e repetem notícias que informam, selecionam e, por vezes, demarcam acontecimentos que se monumentalizam em meio a opções intencionais de esquecimento e/ou pelo silenciamento segundo aquilo que pauta a dinâmica da memória do povo negro.

Esta temática religiosa demarca no município feirense uma posição contra-hegemônica da Moviafro e se opõe à colonialidade do saber e poder no sertão baiano, onde o padrão eurocêntrico e a visão cristã são predominantes. Apesar de ser uma missa católica, a Missa Afro introduz na comunidade feirense uma experiência diferente da comumente empregada no município. É válido salientar que no período de atividades presenciais antes da pandemia, a celebração ocorreu na Catedral de Nossa Senhora de Fátima, tendo como celebrante o arcebispo da Igreja Católica Independente, Dom Marcos Paulo, coma co-celebração da sacerdotisa Mãe Graça de Nanã e pelo reverendo Anglicano Adriano Portela.

Este combate é necessário, assim como as outras ações realizadas pela associação, como, por exemplo, o Projeto Novembro Negro Tambores Urbanos/Moviafro onde a associação promove uma série de ações de afirmação e empoderamento da identidade negra, tais como palestras, seminários, rodas de conversa, oficinas de formação, *workshops* e intervenções artísticas que fazem parte da programação. O objetivo é justamente fortalecer nestes espaços a promoção da igualdade racial e o combate à intolerância religiosa. Este conjunto de atividades, com cunho educacional e cultural, como o Projeto Tambores Urbanos, podem ser vistas como uma experiência prática da crítica do modelo de racionalidade ocidental, ao propor outro modelo que é a razão cosmopolita proposta por Boaventura Sousa Santos (2002).

A programação artística e cultural do movimento negro local como experiência da transformação de um objeto impossível em possível, sugere transformar, como argumenta Santos, as ausências em presenças. O autor reitera que não há uma maneira única de existir, como demonstrado nessas experiências negras. Projetos tais como o Novembro Negro e Tambores Urbanos lutam simbolicamente pelo seu reconhecimento e propõem a visibilidade da existência das experiências negras no município feirense, contradizendo a perspectiva da não-existência.

Além disso, também ocorre a Feira Afro de Feira de Santana, outra ação da Moviafro, um evento que visa promover a oportunidade de fomento ao empreendedorismo como ferramenta de inclusão social e desenvolvimento socioeconômico dos afrodescendentes. Presencialmente, este evento ocorre na Praça do Fórum, com produtos que valorizam a negritude e as raízes da cultura negra. Além de comercializar produtos associados à identidade negra, o propósito da feira é divulgar os trabalhos realizados por pessoas negras. O empreendedorismo negro é tratado como atividade essencial para desenvolver o país de forma socioeconômica através de micro e pequenos afro empreendedores no Brasil (VILLAVERDE, 2014).

Apesar disso, ainda é desafiador para a população negra sustentar o afro empreendedorismo, por falta de investimentos, recursos e valorização das/os trabalhadoras/es. No município feirense, a Feira Afro se constitui como uma ação que visibiliza, no comércio local, o fomento ao afro empreendedorismo e fortalece a emancipação material e política das pessoas negras, facilitando assim a inclusão social e o desenvolvimento socioeconômico, seja das pessoas que estão iniciando ou das que possuem uma longa trajetória neste ramo. O afro empreendedorismo é considerado uma estratégia de grande relevância para a população negra brasileira, em função da criação de empregos e renda para milhões de cidadãos, proporcionando autoidentificação entre negros e negras se embasando com referências de sucesso que, conseqüentemente influencia na autoestima dessa parcela da população (MONTEIRO, 2001).

No histórico do Mês da Consciência Negra, as Intervenções Artísticas, fora da pandemia, costumam ocorrer no Mercado de Arte Popular e na Praça do Fórum, onde são realizados shows de múltiplos ritmos, além de performances teatrais com o Núcleo Moviafro de Teatro Preto (NUMTEP), dança afro com o coreógrafo Marcos

Tanferi, aulão de afro urbano com o grupo Soprocós e rodas de capoeira com os grupos Ecult e Topázio.

A Moviafro também promove o Concurso Mister Afro que tem como principal objetivo elevar a autoestima dos homens negros de Feira de Santana e região, através de atividades desenvolvidas durante os dois meses de duração desse evento. Esse é um evento que se relaciona com a afirmação de uma identidade negra em uma sociedade marcada por vulnerabilidades interseccionadas. Neste caso, o evento Concurso Mister Afro se volta à identidade do homem negro, enaltecendo-os na busca de um empoderamento coletivo.

A identidade atribuída ao negro é uma construção social que embora não corresponda à realidade, produz efeitos sobre ela, ou seja, embora tenha um caráter fictício quando presente no imaginário coletivo, orienta as relações entre negros e brancos na sociedade brasileira (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 109). Essa construção social, no que diz respeito aos homens negros, é atravessada pelo racismo e a Moviafro promove esse momento como ação de combate, empoderando os homens negros sobre seus direitos e deveres, a partir de oficinas, palestras e atividades educacionais. Para muitos jovens participantes, se pensar enquanto candidato a Mister Afro é também lutar contra o imaginário social, em que a imagem do homem negro está associada à marginalização e à violência, afinal essa imagem foi construída historicamente com o objetivo de justificar a posição social que o negro ocupa socialmente. Durante o processo, os homens inscritos participam de palestras, rodas de conversa, oficinas de formação, seminários e um desfile de passarela. A proposta do evento não é eleger o mais belo entre os candidatos, mas sim aquele que mais se identifica com as questões afrodescendentes e, para isso todos os candidatos passam por uma avaliação onde são observados os conhecimentos destas questões.

Em 2018, foi realizada uma Oficina de Turismo Étnico em Feira de Santana e a Moviafro esteve presente, representada pelo seu presidente Val Conceição e por uma das suas entidades filiadas, Afoxé Filhos da Luz, que tem na frente o professor Antônio Anunciação, Hely Pedreira (Pedagoga) e Adão Ferreira (Turbanista). Na ocasião, foi discutida a formação da Rede de Turismo Étnico Afro de Feira de Santana, num acordo realizado com a Secretaria de Trabalho, Turismo e Desenvolvimento Econômico/DETUR. O objetivo dessa rede é a implantação de

um roteiro de turismo étnico afro em Feira de Santana, que teve o início de suas atividades em janeiro de 2019. Terreiros de Candomblé, Centros de Umbanda, Grupos de Capoeira, Produtores Culturais e Artesãos, bem como Grupos Afros a exemplo de Afoxés e Blocos Afros são o público alvo dessa iniciativa, que está intrinsecamente ligada aos movimentos sociais e movimentos negro do município.

Também no ano de 2018, a Moviafro recebeu a medalha "Liberdade e Inclusão" em evento realizado na capital Salvador, comemorando o Dia Internacional de Nelson Mandela em seu aniversário de 100 anos, que seria completado nesta data. Essa premiação contemplou 20 personalidades e Lideranças Sociais, Culturais, Religiosas, Políticas, Imprensa e de Educação na Bahia. A cerimônia ocorreu no Centro Cultural da Câmara Municipal de Salvador e foi idealizada pelo Instituto África 900. A Dr^a Patrícia Pinheiro, que é delegada da Polícia Civil, membro do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras, iniciou os trabalhos falando da importância da data para todo o povo negro e em seguida foi formada a mesa com diversas personalidades negras, tais como Wanda Chase, Margareth Menezes, Osman Ramos, Fernando Calderón Boris, e Yalorixá Mãe Mara Tessunne, que é vereadora no município de Muritiba e a primeira mulher de religião de matriz africana a ocupar este cargo em todo o Recôncavo da Bahia. Após uma breve apresentação dos membros que compunham essa mesa, foi iniciada a entrega das medalhas. Segundo a organizadora Patrícia Pinheiro, a medalha "Liberdade e Inclusão" é o reconhecimento das instituições e pessoas que têm contribuído no combate ao racismo em todas as suas formas, todo e qualquer tipo de preconceito e intolerância.

A Associação Cultural Moviafro foi homenageada pela segunda vez neste evento. A primeira foi no mês de maio deste mesmo ano, quando recebeu o Troféu Axé Destaque, em São Francisco do Conde, que também contemplou entidades que prestam serviços relevantes à comunidade de matriz africana. Também estiveram presentes a escritora mineira Carmem Brettas, Clovis Dragone, Dr^o Aristides de Oliveira Mascarenhas (Pai Ari de Ajagunã)- Presidente da FENACAB, assim como a Mãe Neci de Oxum (Membro da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte), Júlio Leite e Marcos Poca Olho (compositores do tema 2018 do Bloco Afro Ilê Ayiê), Edimilson Neves (Diretor de Projetos do Bloco Afro Ilê Ayiê), entre outros.

Foram cantadas músicas como Faraó, Elegibô e Alfabeto do Negão e a “Oração a Mandela”, música tema do Ilê Ayiê em 2018. A Moviafro propôs, também em 2018, o lançamento de um catálogo ilustrado em duas línguas (português e inglês) com a descrição dessas entidades que estão sendo mapeadas em Feira de Santana. O objetivo deste catálogo foi de traçar detalhadamente o perfil de cada uma das 22 instituições, buscando atrair novos foliões e patrocinadores, e seria distribuído em vários pontos de Feira de Santana e região. Cidades como Salvador, Ilhéus e Porto Seguro, também receberiam o catálogo tornando mais visível ao público a forte presença da cultura africana em Feira de Santana.

Essas estratégias denotam a tentativa incessante na busca de parceiros que possam oferecer recursos financeiros e capacitação em gestão cultural e empreendedorismo a essas entidades. Logo depois do lançamento do catálogo em 2018, o Grupo Cultural Moviafro participou do 1º Festival de Samba de Feira de Santana, que teve produção e direção do Coletivo Unidos pelo Samba, com apoio da Rádio Princesa FM, fazendo parte das comemorações do dia do samba. No evento, ocorreram rodas de conversas com personalidades do segmento de cultura musical, abordando a importância dos coletivos culturais e das entidades afros.

O festejo e a reverência ao samba fazem parte de um cenário também comum de integração e resistência do povo negro, havendo na história registros de que esses passos vêm de longe, que a sociabilidade das pessoas negras apresentava também esta experiência de sambar, comemorar e dançar coletivamente, como elaborado por Cunha:

Ainda que a racialização das relações sociais e o racismo explícito das elites republicanas impregnassem o dia a dia dos trabalhadores da cidade, os espaços gestados pelos antigos escravos, especialmente aqueles relacionados ao carnaval ou a outras formas de lazer urbano, já encontravam novos parceiros em sua construção. Análises das formas de sociabilidade dos trabalhadores cariocas nesse período evidenciaram que os grupos que se organizaram para a festa e a folia - onde frequentemente os negros tinham a maioria, mas raramente a exclusividade - tiveram um grande peso nesse processo e figuraram entre aqueles que sofreram maior controle ou foram objeto das mais duras iniciativas no dia a dia da polícia local. (CUNHA, 2016 p. 10)

Ao longo dos anos, essa autonomia das pessoas negras na criação e diversificação dos modos de ser e existir, transformando o cotidiano com o samba, também esteve presente no Arraiá Afro Solidário, realizado pelo Bloco Afro

Guerreiros Africanos, que é um evento sociocultural com principal objetivo de arrecadar alimentos a serem distribuídos em comunidades carentes da cidade. Com a participação de artistas locais, foram arrecadados cerca de 250 quilos de alimentos para doação.

Em 2019, a Moviafro solicitou à Secretaria de Cultura de Feira de Santana, o novo batismo do espaço destinado aos desfiles de Blocos Afros, Afoxés e Escolas de Samba, que dão visibilidade à ancestralidade negra e resistência no âmbito da festa anual do Micareta, mudando do nome “Espaço Quilombo” para “Pérolas Negras. Esses desfiles artísticos e culturais, embalados pelos sons como cantigas de xirê, da musicalidade afro, foram formas históricas de resistência na Micareta de Feira, um evento que acontece anualmente desde 1937, semelhante a um carnaval fora de época e que tem grande proporção em Feira de Santana. Dentro do Micareta, a cultura negra se configura como uma comunicação da população negra, assim como era feito pelas pessoas escravizadas, como relatado por Gilroy:

A música, o dom relutante que supostamente compensava os escravos, não só por seu exílio dos legados ambíguos da razão prática, mas também por sua total exclusão da sociedade política moderna, tem sido refinada e desenvolvida de sorte que ela propicia um modo melhorado de comunicação para além do insignificante poder das palavras - faladas ou escritas. (GILROY, 2001, p. 164).

Em 2019, também ocorreu a parceria em prol da 1ª Edição – Diálogos Negros, presencialmente no Centro Universitário de Cultura e Arte – Universidade Estadual de Feira de Santana, com a apresentação de Karol Freitas, Luciano Escobar; recital e performance de Xavier Júnior e Larissa Marques, além de Ana Pereira da Identidade Modas, apresentando a nova coleção em tecidos africanos, e do jornalista Joedson Reis da TV Asas e Movimento Vem ser Black, de Conceição do Jacuípe/Berimbau. Na edição, foi composta a “Mesa Maria Felipa” com Profª Drª Bárbara Carine (Ufba), Prof. Bruno Santana (Escolinha Maria Felipa), Profª Mª Elizabeth Bastos (Seduc) e Profª Drª Lívia Nathália (UFBA), além do lançamento do livro “O Urucungo de Cassange”, de Mestre Bel Pires (Uneb). Foi realizado também sorteio de livros, brindes e emissão de certificado com carga-horária de 4h através da Profª Me Andréia Araújo, em parceria com a Associação Cultural Moviafro.

A alusão à Maria Felipa retoma a memória de uma mulher escravizada que, na luta pela independência da Bahia, liderou 40 mulheres conhecidas como as “vigias

de praia” que invadiram o acampamento do exército português. Foi justamente considerando a sua relevância política e de militância que o nome de Maria Felipa foi lembrado.

Além disso, a Moviafro esteve presente na 1ª Edição do Festival Músicas Negras Importam, realizado já durante a pandemia de Covid 19 e idealizado pela Viviane Carvalho que é uma das integrantes da Associação Cultural Moviafro, com o objetivo de resgatar a música afro-feirense, fortalecendo e dando visibilidade aos artistas e bandas. A edição foi gravada em espaço aberto obedecendo rigorosamente todos os critérios estabelecidos pelas autoridades médicas e sanitárias, estreando no dia 10 de abril de 2021 através do canal do *Youtube* da Moviafro, onde ficará disponível por tempo indeterminado. Com o advento da Lei Aldir Blanc e o edital de seleção pública para o patrocínio a festivais culturais, promovido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, algumas oportunidades surgiram. A inspiração se deu a partir do histórico dos encontros de bandas afro nos distritos; dos ensaios no estacionamento do Estádio Jóia da Princesa; apresentações dentro e fora do Mercado de Arte Popular; ensaios das bandas afro na Rua Nova, Tomba e Baraúnas. Assim, no formato online, foi promovido o Projeto *Lives Moviafro*, com o objetivo de trazer temas pertinentes à cultura de matriz africana para serem debatidos, onde as pessoas convidadas puderam trazer conhecimentos e experiências relacionadas ao tema com discussão e difusão da cultura de matriz africana.

Foi realizado também o Programa Conversa de Pretos e Papo de Axé, com o intuito de abordar temas relacionados a religião afro-brasileira com diversas autoridades da religião, incluindo sacerdotes, sacerdotisas, ekeses, ogãs, Pais e Mães pequenas, laôs e Abiãs, bem como um Sacerdote da Igreja Católica Independente, a fim de conscientizar a sociedade sobre a importância de respeitar a opção religiosa e ampliar a discussão sobre a religião afro – brasileira. Mais uma das ações realizadas durante a pandemia foi a participação numa Audiência com o Poder Público Municipal, com objetivo de dialogar sobre questões culturais. Na ocasião, participaram membros da Moviafro, o Secretário de Cultura, o chefe de gabinete Geovanni Ferreira, assistentes da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL) e representantes dos Blocos Afro-Tambores Urbanos, Império Africano, Guerreiros Africanos, Filhos de Malê, Acadêmicos de Feira, entre outros.

No momento da audiência, os Afoxés Filhos de Nanã, Filhos de Oxalá e Flor e Iemanjá também receberam informações que estariam na próxima micareta.

As Escolas de Samba Marquês de Sapucaí e Império Feirense que retornariam após três anos de inatividade, além dos Blocos Bando das Barúnas, Caminhada do Samba e representantes do Cortejo Moviafro. Além disso, receberam informações referentes à Lei Aldir Blanc e do Conselho Municipal de Cultura, diante do quadro de pandemia e sobre formas de organização e representatividade dos grupos culturais. Na oportunidade, membros da associação apresentaram ao secretário de cultura Jairo Carneiro Filho suas demandas e perspectivas, possibilitando que as entidades que compõem a Moviafro permanecessem em atividade durante este período de distanciamento social.

Na oportunidade, foi feita uma Carta de Repúdio e Indignação às atitudes do vereador no município Edvaldo Lima de demonstração de intolerância religiosa, após a retirada de textos que beneficiam as religiões de matriz africana no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Territorial. A Moviafro levou em consideração a Lei 9.459/1997 e Art. 208 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40. Por fim, apresento a última atividade neste capítulo que é a 1ª Caminhada do Samba da Rua Nova em comemoração ao Dia Nacional do Samba, que teve na coordenação Jorge Muzembela. Esta ação fez parte do processo de requalificação das entidades afro de Feira de Santana, inclusive contribuiu com as entidades filiadas às atividades culturais e de matrizes africanas do município.

Cerca de 600 pessoas participaram da caminhada que teve o apoio não só da comunidade local, mas de outras cidades circunvizinhas. Nesta atividade, a associação contou com o apoio do Salão Andréa Black, Arlécio da Banda Pretos de Preta, Comercial Jaqueira, Supermercado Felipe, Comercial Mirtoca, Bando da Rua Nova, Deputado Fernando Torres, Bloco Afro Muzembela, entre outros nesta conjunção entre entidades públicas e privadas. Em todas essas atividades, pode-se observar a luta por reconhecimento e visibilidade do povo negro, assim como a resistência contra as múltiplas opressões.

Os próximos capítulos irão apresentar como se caracteriza a mobilização política das mulheres negras que fazem parte da Moviafro. Irei apresentar a descrição das mulheres do NUMNEGRAS e o seu perfil socioeconômico, suas narrativas sobre mobilização política, assim como os obstáculos enfrentados por elas.

3. MOBILIZAÇÃO POLÍTICA: O NUMNEGRAS

Este capítulo é constituído de duas partes: a primeira parte é o resultado das entrevistas em que abordo uma série de temas referente à criação do NUMNEGRAS e às trajetórias das mulheres que hoje compõem o núcleo. Na segunda parte, descrevo as estratégias e ações realizadas pelas mulheres durante a pandemia da Covid-19, mostrando aquilo que elas organizaram e suas proposições.

3.1 APRESENTAÇÃO DO NÚCLEO MOVIAFRO DE MULHERES NEGRAS

O Núcleo Moviafro de Mulheres Negras está inserido na Associação Cultural Moviafro, que surgiu em 2017 a partir da sugestão de Amanda Flora, uma mulher negra retinta com cabelos crespos, cis, assistente social, ativista e integrante da própria associação. Ainda sem saber se daria certo, como seria a organização ou mesmo quem faria parte do núcleo, Amanda Flora deu o pontapé inicial, com a proposta de ampliar o debate e as ações sobre (e com) as mulheres negras no município.

Amanda Flora relata que percebia a necessidade de ações e debates que pudessem tratar da condição de mulheres negras com mais especificidade, por isso impôs suas reflexões e propôs a criação do NUMNEGRAS, num processo muito parecido aos que relatam outras mulheres negras na formação do feminismo negro, numa tentativa de resistência frente aos companheiros do movimento na época. Desde a criação do núcleo, em 2017, o diálogo sobre a saúde da mulher negra, a inserção e permanência de mulheres negras no ensino superior, as vivências no mercado de trabalho e o direito ao lazer e à educação se tornaram centrais no debate e nas ações da Moviafro. O grupo surge da reflexão sobre a realidade das negras no Brasil, principalmente no Nordeste, que passaram por inúmeros desafios para alcançar a emancipação subjetiva, material, política e social.

Essa singularidade da condição racial foi mencionada em 2011 por Moreira ao propor uma reflexão sobre as posições assumidas pelas lideranças femininas, que apesar de ser referente a relação com feministas brancas, também tem uma relação direta com a relação entre homens e mulheres dentro do próprio movimento negro:

A singularidade da condição racial da mulher negra e a categoria raça serviram no momento inicial como moeda simbólica para, frente às feministas “brancas”, criar a diferenciação – moeda da condição mulher(gênero) como instrumento de questionamento ao movimento negro a respeito das posições secundárias assumidas e impostas às lideranças femininas no seio das entidades dos vários segmentos do movimento negro. (MOREIRA, 2011, p. 116-117).

De acordo com a literatura do movimento negro e das feministas negras, este fato não é algo isolado. O movimento negro foi tensionado em sua história pela reivindicação de mulheres negras a fim de ampliar o debate racial e reconhecer as especificidades que afetam de modo particular os seus cotidianos. O NUMNEGRAS foi gestado a partir da necessidade de pautar as demandas com base nas questões de gênero e raça, que pudessem contemplar as realidades das mulheres negras no contexto do interior baiano. Apesar das lutas já realizadas pela associação, Amanda Flora identificou a necessidade de feminização das propostas e de ampliação das reivindicações do movimento negro no município, e começou então a articular a agenda política do núcleo de mulheres dentro da Moviafro.

A partir de então, assim como colocado por Sueli Carneiro (2003) em relação ao feminismo negro mais amplo, o atual movimento de mulheres negra traz para cena política a síntese das bandeiras de luta historicamente levantada com base na categoria analítica da interseccionalidade. Outras mulheres negras ao longo do processo foram participando por interesse próprio ou mesmo por serem convidadas, tais como a educadora Hely Pedreira, que foi uma das mulheres negras convidadas na época a compor o núcleo por seu histórico no engajamento político e cultural no município.

Além desta, participaram também no início Viviane Carvalho, companheira do Valmiton Conceição, que também tem em sua trajetória vivências no meio cultural e atividades de matrizes africanas, e Yves Samara, uma mulher negra jovem, historiadora e ativa também no município, que desenvolve discussões acerca das questões de acesso e permanência do ensino superior de mulheres negras. Uma das ações que deu início ao núcleo foi o Encontro Moviafro de Mulheres Negras no município feirense, tal como aparece no cartaz abaixo:

Figura 3- Cartaz de Divulgação



Fonte: Arquivo do Blog MOVIAFRO (2017)

O grupo se iniciou com menos de dez mulheres em 2017, e foi crescendo ao ponto de chegar a quase 60 mulheres na pandemia da Covid-19 por meio do grupo virtual no WhatsApp, sendo composto por pesquisadoras, universitárias, trabalhadoras, estudantes, vendedoras, estilistas, professoras e participantes de entidades, movimentos sociais e órgãos governamentais. Recentemente, já em 2022, passou por uma reformulação. No grupo do WhatsApp do NUMNEGRAS, foi comunicado pelo Coordenador Geral da Associação Cultural Moviafro que para participar dos núcleos seria fundamental a participação mais ativa e a filiação.

A partir de então, o grupo do WhatsApp em que participavam quase 60 mulheres foi reduzido, pois muitas mulheres identificaram que não tinham disponibilidade ou interesse para uma participação mais ativa naquele momento. Sendo assim, outro grupo virtual foi criado apenas com as participantes que mencionaram querer continuar e produzir mais ativamente, além de terem se filiado à associação. Atualmente, o grupo oficial é composto por 13 mulheres e o restante permanece recebendo repasses de informações. A periodicidade dos encontros é quinzenal para definir agenda e programação das atividades a serem desenvolvidas pelo grupo, como a realização de visitas em territórios onde as mulheres negras estão inseridas no município e região, onde tornam-se agentes de transformação.

Além disso, o NUMNEGRAS tenta comunicar através das mídias sociais as ações de enfrentamento ao racismo e em prol da equidade de gênero, definindo uma agenda de intervenção nas esferas públicas e nos espaços de decisão política. O Núcleo se propõe a se mobilizar politicamente com parcerias em instituições e espaços

coletivos tais como outras associações, cooperativas, terreiros, quilombos, centros comunitários, escolas, universidades, local de trabalho, galpões culturais, postos e unidades de saúde, feiras, clubes, blocos e afexés em que as mulheres têm tido um papel importante. Nesse sentido, Silvio Almeida reitera:

As mulheres negras têm tido o papel fundamental na sociedade, elas desenvolveram ao longo de sua trajetória tecnologias de resistência e de manutenção da vida, inclusive na vida de homens negros, que tiveram a sua vida destruída por uma série de acontecimentos históricos, como a escravidão por exemplo, e tudo dela que sucede. As mulheres negras sempre foram os sustentáculos da vida social e política, e conseguiram manter, graças as formas de organização. Desenvolveram a vida em suas comunidades. E uma coisa que eu sempre costumo dizer é impossível pensar na luta antirracista se não houver uma luta pela igualdade de gênero, isso é absolutamente central porque o que o racismo faz, ele precisa estabelecer o controle sobre a vida das mulheres. De onde você acha que veio a ideia de raça pura? É justamente a ideia de estabelecer o controle sobre as mulheres. Então a luta antirracista tem na sua dimensão a luta pela autonomia, a luta pela liberdade, pela igualdade das mulheres. Isto é um ponto absolutamente central e fundamental para que nós possamos entender a força que as mulheres negras têm, não só no Brasil, mas no mundo. (ALMEIDA, PROGRAMA RODA VIVA, 2020).

Esse papel importante que Silvio Almeida aponta acerca das mulheres negras tem se refletido no desenvolvimento inclusive de políticas públicas, assim como na defesa, no processo de fiscalização e avaliação das mesmas. Políticas estas que estão na contramão das desigualdades vivenciadas pelas mulheres e que se refletem no cotidiano da realidade brasileira. A partir de agora, tratarei o perfil socioeconômico dessas mulheres e apresentar suas particularidades, trajetórias e narrativas.

3.2 O PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PARTICIPANTES DO NÚCLEO MOVIAFRO DE MULHERES NEGRAS

Abordar as mulheres negras que dialogam comigo no coletivo de militância no movimento negro local não foi uma tarefa fácil. Entrevistar, escrever e compreender o perfil socioeconômico e as trajetórias das participantes do núcleo foi desafiador haja vista a tentativa de estranhar cada uma delas e tentar familiarizar aquilo que se apresentava como estranho para mim, num exercício que faz parte do percurso metodológico, como mencionado por Gilberto Velho, ainda em 1978:

O fazer etnográfico exige um estado de alerta constante no tocante a metodologias relativas ao controle, sendo sempre necessário nos

recordarmos da máxima de estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho (VELHO, 1978)

Exercitar estranhar aquilo que era familiar e me posicionar reconhecendo os papéis enquanto pesquisadora, militante e coordenadora do NUMNEGRAS foi também um momento para reconhecer as identidades e as diferenças que também estavam fazendo parte de todo o processo de pesquisa:

As identidades e as diferenças implicam processos de aproximação e distanciamento. Nesse jogo complexo, vamos aprendendo, aos poucos, que os contornos da nossa identidade são estabelecidos pelas diferenças e pelo trato social, cultural, histórico e político que estas recebem durante percurso na sociedade. (GOMES, 2007, p. 98)

Ao entrevistar, precisei compreender e assimilar as nuances das falas e diferenciar o que era meu ponto de vista e o que era das outras, de forma que o debate de vigilância epistemológica resultou em uma demanda emocional além de intelectual e física. No momento das entrevistas precisei reconhecer o que estava sendo colocado sobre mobilização política, ao mesmo tempo em que me percebia com sintomas físicos e emocionais ao abordar um tema que também me atravessa, principalmente ao falarem sobre suas dores.

No processo, pude perceber que entre as mulheres entrevistadas que fazem parte hoje do NUMNEGRAS, foram identificadas diferenças e similaridades, como por exemplo a similaridade no que diz respeito à escolaridade, pois o grupo menor que hoje compõe o Núcleo se caracteriza como um grupo majoritariamente universitário e que se situa com uma linguagem atravessada pelo campo acadêmico, por serem mulheres negras graduadas e pós-graduadas.

A faixa etária das treze mulheres do NUMNEGRAS hoje varia entre 27 a 55 anos; a condição econômica predominante é de classe popular; no quesito escolaridade, 90% com ensino superior completo, inclusive algumas com pós-graduação, e apenas uma com ensino médio; na identificação racial se intitulam como mulheres negras e pretas; apenas mulheres cis fazem parte do núcleo; há uma ausência de mulheres que se definem como transexuais, transgênero ou travestis. No grupo entrevistado 90% se caracteriza enquanto hétero e o percentual restante divide-se entre lésbica e bissexual; sobre o estado civil o grupo é composto por mulheres solteiras, casada, divorciada e viúva; em relação a religiosidade/espiritualidade, estão

divididas entre cristãs, católicas, candomblecistas e sem denominação, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 1 - Perfil socioeconômico das participantes do NUMNEGRAS

NOME/ IDADE	PROFISSÃO/ CLASSE	RAÇA/ GÊNERO	ESTADO CIVIL/ ORIENTAÇÃO SEXUAL	RELIGIÃO/ FILHOS	ESCOLARIDADE
Amora 27 anos	Psicóloga/ Baixa	Negra/ Mulher Cis	Solteira/ Hétero	Cristã/Não tem filhos	Pós-graduanda
Helvira 55 anos	Professora/ Média baixa	Preta/ Mulher Cis	Solteira/ Hétero	Sem religião/ 2 filhos	Pós-graduanda
Carolina 52 anos	Assistente Social/ Média baixa	Negra/ Mulher Cis	Divorciada/ Hétero	Sem religião/ 3 filhos	Graduada
Ytamara 34 anos	Historiadora e Pedagoga/ Baixa	Preta/ Mulher cis	Solteira/Hétero	Candomblecista/Nã o tem filhos	Mestra
Paula 52 anos	Delegada da Polícia Civil/Média	Negra/ Mulher Cis	Solteira/ Lésbica	Candomblecista/ Não tem filhos	Pós-graduada
Maria 51 anos	Microempreendedora/Bai xa	Negra/ Mulher cis	Casada/ Hétero	Católica/ 4 filhos	Ensino médio completo
Iasmin 49 anos	Psicóloga e Pedagoga/ Média	Negra/ Mulher Cis	Viúva/Hétero	Católica/ 2 filhos	Mestra
Denise 22 anos	Professora/Média	Preta/ Mulher Cis	Solteira/ Bissexual	Sem religião/ sem filhos	Mestranda

Carmem 33 anos	Professora e graduanda de Direito/ Baixa	Negra/Mulher Cis	Solteira/ Hétero	Espiritualista/ 2 filhos	Mestra
Vanusa 39 anos	Pedagoga/Baixa	Preta/ Mulher Cis	Solteira/Hétero	Candomblecista/ Sem filhos	Graduada

Fonte: Produzido pela autora

Os dados encontrados se relacionam com as trajetórias políticas destas mulheres antes e depois de adentrarem o NUMNEGRAS, inclusive dizem respeito como conceituam e percebem o termo mobilização política. Embora eu tenha uma relação preestabelecida com as integrantes do núcleo, pelo fato de ser coordenadora do grupo e conhecê-las mesmo antes do momento das entrevistas, na abordagem sobre mobilização política foi necessário estranhar o que era familiar para elaborar o quadro e desenvolver a análise temática.

As narrativas das mulheres retratam o predomínio de uma consciência negra, sentimento de pertença à identidade negra, assim como o repúdio coletivo às atitudes racistas, sexistas e misóginas. Além disso, demonstraram noções sobre mobilização política, tanto em uma perspectiva de atitude individual quanto de atitudes coletivas.

3.3 NARRATIVAS REPRESENTATIVAS DAS MULHERES

O conteúdo das entrevistas com as mulheres negras após a análise resultou na descrição a seguir. O Quadro abaixo apresenta a contextualização das representações das participantes do NUMNEGRAS, sendo utilizados para cada uma delas nomes fictícios para preservar suas identidades, conforme mencionado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A utilização de nomes, mesmo que fictícios, teve como objetivo personificar as falas e associá-las a pessoas específicas em suas trajetórias e contextos de vida, em que as falas e motivações ganham vida e significado. O Quadro 2 apresenta uma divisão por temas, sendo estes: a) Trajetória antes do NUMNEGRAS; b) Significado de mobilização política; c) Significado do NUMNEGRAS. Serão consideradas as respostas das entrevistas semiestruturadas para compor os resultados apresentados no quadro abaixo, sendo apresentadas algumas das respostas das participantes

visto que foram 10 mulheres entrevistadas ao total e as outras não tiveram disponibilidade.

Após a apresentação do quadro serão apresentadas reflexões à luz das teorias de feministas negras sobre mobilização política e gênero para debater com as interlocutoras sobre as colocações que foram feitas por elas, teorias estas mencionadas na introdução desta pesquisa.

Quadro 2 - Narrativas representativas das mulheres negras

Categorias	Unidades de Significado	Discursos
	Experiências anteriores a entrada no NUMNEGRAS	<p>“Comecei a participar de lutas no município quando passei em História na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e através do Núcleo de Negros e Negras na UEFS, aos 20 anos. Eu dei aula no Projeto Atiba de Sociologia, formação política e cultural, além da participação no Micareta do Pomba de Malê em 2008 [...]” (Ytamara)</p> <p>“Desde criança tenho aptidões políticas, já participei de grêmios estudantis, movimentos sociais e culturais, fui líder de turma também. Participo da militância desde 2016 no município de Feira, mas enquanto integrante do NUMNEGRAS desde 2021 eu já milito na área de Relações Raciais, participei da construção do projeto para criar o Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais do Conselho Regional de Psicologia em Feira de Santana, faço parte da Comissão de Igualdade Racial da SEDUC.” (Iasmin)</p>
	Filiação aos partidos políticos partidários	<p>“Não cheguei a me filiar a partido, mas sempre gostei de ler e discutir; não participei de movimento estudantil e nem social, mas fui pra manifestações, mais autônoma.” (Amora)</p> <p>“Não me fileiei a partido, não fiz parte de movimento estudantil, mas fiz parte do movimento social do Aviário, a Associação do bairro.” (Helvira)</p> <p>“Sou afiliada ao PCdoB e já participei do grupo Ler Mulheres.” (Denise)</p>

<p>TRAJETÓRI A POLÍTICA</p>	<p>Começo da participação política no município</p>	<p>“Comecei a participar de lutas no município no ensino médio através do Grêmio Estudantil, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, das lutas do Movimento Estudantil entre 2004 e 2005. Comecei a conhecer o lugar político, social e engajado e minha mãe inclusive por ser protestante se incomodava muito. Em 2019, criei o grupo chamado Dignidade da Mulher Feirense, para ajudar mulheres em situação de violência, sobre direito da mulher, posicionamento da mulher na sociedade.” (Carmem)</p> <p>“Comecei a participar de lutas no município de Feira de Santana-BA em 2018. Desde cedo me interessei por política, fui candidata a vereadora em Salvador em 2016 pelo PSL, que era da base do Governo do Estado. Também fiz parte do Diretório Central dos Estudantes de Direito da Católica.” (Paula)</p>
	<p>AÇÃO INDIVIDUAL</p>	<p>“Quando a gente se move pra fazer diferença nos espaços.” (Amora)</p> <p>“Se dá em diversos aspectos, posicionamento diante da família, as redessociais – divulgação sobre questões e notícias, na sala de aula através da discussão ou no movimento, no protesto, ato político.” (Carmem)</p> <p>“Forma de se organizar para operar a resistência a todas as forças facistas e racistas que atentam contra o Estado Democrático de Direito.” (Paula)</p> <p>“É o livre arbítrio sobre suas decisões, liberdade de ser e agir, vivendo em sociedade, participando dela, fazendo escolhas e lutando pelos ideais que acreditamos, respeitando o direito de todos.” (Iasmin)</p>
<p>MOBILIZAÇÃO POLÍTICA</p>	<p>AÇÃO COLETIVA</p>	<p>A mobilização política é quando criamos estratégias de sobrevivência e resistência neste país racista. (Ytamara)</p> <p>É unir forças, defender causa coletiva, mudar realidades. (Carolina)</p> <p>Ação em sociedade, uma vez que somos seres políticos. (Denise)</p>

SIGNIFICADO DO NUMNEGRAS	AQUILOMBAMENTO	<p>Espaço de acolhimento, força, afeto, mobilização. (Amora)</p> <p>Para mim o NUMNEGRAS é um espaço de acolhimento e resistência o qual considero como também prioritário em minha vida. (Denise)</p>
	TROCAS DE EXPERIÊNCIAS	<p>Além de espaço trocas importantes, espaço de mobilização política. (Helvira)</p> <p>Uma forma de acolhimento, trocas de experiências entre mulheres negras. (Ytamara)</p>
	ESPAÇO POLÍTICO	<p>“Um espaço político de empoderamento e acolhimento do nosso povo, cultura, arte enfim...da nossa ancestralidade.” (Iasmin)</p> <p>Uma forte organização social, política e cultural. (Paula)</p>

A Análise Temática realizada a partir das narrativas das mulheres possibilitou a elaboração de três temas: Trajetória política antes do NUMNEGRAS; Significado de mobilização política; Significado do NUMNEGRAS. As narrativas das mulheres foram relacionadas às suas trajetórias de vida e suas experiências para o tratamento dos dados.

3.3.1 Tema 1 – Trajetória política anterior ao NUMNEGRAS

Nas narrativas das entrevistadas foi possível perceber que a trajetória antes da entrada no NUMNEGRAS é marcada por experiências individuais e coletivas que de algum modo se relacionam com um processo formativo político e cidadão, seja no campo acadêmico ou fora do mesmo. Neste sentido, as trajetórias das interlocutoras antes de entrarem no movimento negro apresentaram dados relacionados ao interesse

em participar do núcleo. Também apresentam percepções sobre o significado de mobilização política e a caracterização das lutas dentro do coletivo, sendo por isso importante conhecer a trajetória de cada uma delas. As narrativas serão apresentadas comotrazendo à tona dois pilares: formação e coletividade.

As narrativas das interlocutoras apresentam um caráter formativo por meio da participação em espaços acadêmicos, projetos sociais/culturais, festividades negras, grêmios estudantis e comissões, além da participação ou filiações a partidos políticos. A entrada na universidade e a participação de debates no espaço acadêmico demonstram um marcador na história de algumas durante a inicialização de lutas no município. Ou seja, algumas delas, após terem se matriculado na universidade, começaram a se conscientizar politicamente sobre alguns dos desafios a serem enfrentados politicamente, como demonstra Ytamara, uma mulher negra retinta, de cabelo crespo, 34 anos, graduada em História e Pedagogia, mestra, heterossexual, cis, solteira, sem filhos, candomblecista e residente no município de Feira de Santana. Ela afirma:

“Comecei a participar de lutas no município quando passei em História na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e através do Núcleo de Negros e Negras na UEFS (NENNUEFS) aos 20 anos. Eu dei aula no Projeto Atiba de Sociologia, Formação Política e Cultural, além da participação no Micareta do Pomba de Malê em 2008 [...]” (Ytamara, entrevista em 17 de fevereiro de 2022)

Já Amora, uma mulher negra jovem de 27 anos, cis, heterossexual, com pele clara e cabelos crespos, moradora de Feira de Santana/BA e psicóloga, que se disponibilizou de prontidão para ser entrevistada de forma remota através do Google Meet e que me conhece das discussões acerca da Psicologia Antirracista no Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais do Conselho Regional de Psicologia, menciona:

“A partir do momento que comecei a identificar movimentos, pautas feministas, de gênero no processo da faculdade, final do ensino médio e depois no final da faculdade, foi a partir de 2015.” (Amora, entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

É válido salientar que a entrada de Amora na universidade foi possível por meio da reserva de vagas para alunos negros, que também é resultado do movimento negro

e de mobilização política. Assim, a experiência de entrada destas mulheres nas universidades corresponderia ao que Ângela Figueiredo (2018) descreve como quarta fase do movimento negro, caracterizada pela criação das ações afirmativas:

Eu acrescento uma quarta fase, iniciada em 2002 até os dias atuais, 30 anos após a constituição de 1988. O ano de 2002 é quando duas universidades públicas estaduais, a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), implementam ações afirmativas, através da reserva de vagas para alunos negros, oriundos de camadas populares, o que possibilitou a ampliação do número de estudantes negros nas universidades e, conseqüentemente, uma maior e melhor oportunidade para inserção no mercado de trabalho.” (FIGUEIREDO, 2018, pg.1085)

Outra integrante, Iasmin, uma senhora negra de 49 anos, com cabelos cacheados, também traz reflexões neste sentido. Lembro-me bem que a conheci ainda enquanto estudante de Psicologia quando participávamos dos debates sobre Psicologia antirracista e a implementação do Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais do Conselho Regional de Psicologia na Subseção Recôncavo. Ela como psicóloga e eu como estudante, fazíamos debates reflexivos acerca da prática da Psicologia.

Iasmin é moradora de Feira de Santana/BA, classe média, mãe de dois filhos, mulher cis, heterossexual, participante do movimento social de Oliveira dos Campinhos e do Movimento Feminista de Salvador, viúva, tem como base religiosa o catolicismo, formada tanto em psicologia quanto pedagogia. Ao ser questionada na entrevista, ela aborda a sua experiência antes do NUMNEGRAS e relata na primeira pessoa as suas vivências, tanto na perspectiva individual quanto na coletiva. Situa em sua fala aptidões políticas e atitudes individuais que dizem respeito a sua trajetória na mobilização política desde a sua infância:

Desde criança tenho aptidões políticas, já participei de grêmios estudantis, movimentos sociais e culturais, fui líder de turma também. Participo da militância desde 2016 no município de Feira, mas enquanto integrante do NUMNEGRAS desde 2021. Eu já milito na área de Relações Raciais, participei da construção do projeto para criar o Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais do Conselho Regional de Psicologia em Feira de Santana, faço parte da Comissão de Igualdade Racial da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana.” (Iasmin, entrevistada em 25 de fevereiro de 2022)

A partir das reflexões dessas mulheres podemos trazer os argumentos da historiadora Beatriz Nascimento (2018), que pondera sobre a questão da individualidade, onde as características dos sujeitos devem ser consideradas não apenas por termos culturais, sociais, mas humanos e individuais. Neste sentido a autora afirma: “É no seio dessa perspectiva que a historiadora ponderase os negros, por sua história, não teriam “características próprias, não só em termos ‘culturais’, sociais, mas em termos humanos? Individuais? Eu sou preta, penso e sinto assim” (Nascimento, 2018, p. 49) De certa forma lasmin relaciona isso com a sua inserção, desde cedo em sua vida, nos processos de mobilização política quando afirma ter aptidões políticas, ter tido iniciativa para ser líder de turma entre outras atitudes.

Essa questão da atitude individual também se encontra na narrativa de Amora, quando foi questionada acerca do tema de filiação à partidos políticos. Ela menciona que não participou de movimento estudantil, nem social, não se filiou ao partido, mas teve atitudes individuais que a levaram para experiência demobilização política no município:

“Não cheguei a me filiar a partido, mas sempre gostei de ler e discutir; não participei de movimento estudantil e nem social, mas fui pra manifestações, mais autônoma.” (Amora, entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

Alguns marcadores socioeconômicos e culturais podem explicar a trajetória de Amora que afirma ter escolhido agir de forma autônoma. É válido lembrar que ela é uma mulher negra de pele clara, residente de um bairro central e de maior poder aquisitivo, é cristã e é paulista. Com estas características, decidiu não entrar em movimentos consolidados e ter de forma autônoma a sua experiência em um movimento majoritariamente retinto e com representatividades afro religiosas, que têm como pauta o combate à intolerância religiosa, sendo ela cristã, e não? Reivindicar pautas em um território baiano, sendo ela paulista. Diferente de Amora, houve outra entrevistada que, apesar de não ter se filiado, nem ter feito parte de movimento estudantil, chegou a fazer parte do movimento social do bairro.

Helvira relata:

“Não me filiei a partido, não fiz parte de movimento estudantil, mas fiz parte do movimento social do Aviário, a Associação do bairro.” (Helvira, entrevistada em 21 de fevereiro de 2022)

Para ambas, uma sendo nascida na década de 1990 e a outra na década de 1960, a filiação aos partidos políticos não foi uma escolha naquele momento da trajetória política antes da entrada no Núcleo Moviafro de MulheresNegras. Porém, as duas participaram de atividades sociais e políticas no território feirense que contribuíram para formação de consciência negra e cidadã.

Para além do processo formativo, é válido destacar a questão da relação entre a condição socioeconômica e a variante que é filiação aos partidos. De acordo com uma produção sobre filiação e identificação partidária no Brasil, publicado em 2015, a classe A e B apresentam maior aproximação e empatia com os partidos:

A condição socioeconômica, tipicamente um determinante importante para os padrões de comportamento político, não influencia significativamente a proximidade dos cidadãos com os partidos quando levamos em conta a classificação por faixa de renda. Somente os cidadãos da classe A e B (acima de cinco salários mínimos) apresentam padrões de proximidade e empatia maior com os partidos políticos. Por outro lado, a mudança de status social, avaliada a partir da percepção dos próprios entrevistados deixa marcas claras na relação com os partidos. Os cidadãos que avaliam que sua posição na sociedade não mudou se engajam menos nos partidos, estão menos próximos a esses e tem menos empatia do que os cidadãos em ascensão social. Essa constatação é relevante porque ela indica que a mobilidade social politiza as pessoas e as leva a se engajar no sistema político. (SPECK, WILHELM e VALERIANO 2015, p.11)

Como abordado acima, é possível perceber que o engajamento no sistema político sobre questões econômicas, culturais e direitos fundamentais, assim como a reflexão acerca da conjuntura e a análise sobre as proposições do governo e suas consequências têm uma relação direta com a mobilidade social, a ascensão e a classe. Ou seja, o padrão de comportamento político das interlocutoras de distanciamento dos partidos pode ter uma ligação com o fato de não estarem presentes nas classes A e B.

3.3.2 Tema 2 – Coletividade e Mobilização Política

Um fator comum encontrado em algumas falas foi o sentido de coletividade. Se, por um lado, algumas das mulheres colocaram a sua experiência como autônoma e individual, outras mencionaram a importância da participação em

determinados grupos de lutas que fizeram parte de suas trajetórias antes no NUMNEGRAS.

A respeito disso, temos Carmem, uma mulher negra Carmem traz a sua experiência de estar em coletividade entre 2004 e 2005 com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e no Movimento Estudantil e no Grêmio Estudantil na sua unidade escolar, e coloca em pauta a relevância destes coletivos políticos que proporcionaram o entendimento de seu lugar político, social e engajado. Carmem coloca:

“Comecei a participar de lutas no município no ensino médio através de Grêmio Estudantil, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, das lutas do Movimento Estudantil entre 2004 e 2005. Comecei a conhecer o lugar político, social e engajado e minha mãe inclusive por ser protestante se incomodava muito. Em 2019, criei o grupo chamado Dignidade da Mulher Feirense, para ajudar mulheres em situação de violência, sobre direito da mulher, posicionamento da mulher na sociedade.” (Carmem, entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

A experiência coletiva vivenciada pela interlocutora auxiliou não apenas no entendimento do seu lugar de fala, mas também da política, da realidade social e da importância do seu engajamento. Ademais, gerou a iniciativa na criação de um grupo voltado às questões das mulheres, intitulado ‘Dignidade da Mulher Feirense’, abordando o fenômeno das mulheres em situação de violência.

Outra entrevistada foi Paula, de 52 anos, uma mulher de axé e que tem muito respeito pelas religiões de matrizes africanas. Paula é uma Yá Bogum e Coordenadora Regional da Undekê, participante da União das Ekedes do Brasil, negra, com cabelos crespos, casada, lésbica, cis, delegada da polícia civil e que costumeiramente se veste a caráter com trajes e indumentárias de matrizes africanas, assim como o uso de turbantes. Quando Paula foi por mim questionada sobre seu processo de entrada nas lutas sociais, ela mencionou sua candidatura em Salvador para vereadora em 2016, dois anos antes de começar a participar das lutas em Feira de Santana no ano de 2018:

“Comecei a participar de lutas no município de Feira de Santana-BA em 2018. Desde cedo me interessei por política, fui candidata a vereadora em Salvador em 2016 pelo PSL, que era da base do Governo do Estado. Também fiz parte do Diretório Central dos Estudantes de Direito da Católica.” (Paula, entrevistada em 6 de março de 2022)

Paula teve em sua trajetória a experiência no Diretório Central dos Estudantes de Direito da Católica, constituído como espaço não apenas formativo, mas coletivo de emancipação política, de conscientização e inserção no debate de mobilização. Essas vivências contribuíram para o posicionamento de Paula diante de adversidades, assim como puderam estimular a sua decisão de ser candidata à vereadora em Salvador/BA.

A questão principal da pesquisa gira em torno de entender como de fato se caracteriza a mobilização política para as mulheres entrevistadas e, para tanto, foram incluídas no roteiro questões em que elas pudessem de fato trazer à tona em suas narrativas o que mesmo elas consideram como mobilização política. Neste aspecto, as respostas apresentaram uma coesão na ideia de que mobilização política tem a ver com posicionamento, que independentemente do local em que estejam, elas adotam, assim como a própria ação. Assim, a experiência de fazer parte de coletividades por parte destas mulheres diversas está relacionada a sua mobilização política.

A entrevistada Carmem afirma que acredita na mobilização enquanto um posicionamento independente do espaço, das pessoas, das circunstâncias. Ela afirma:

“Se dá em diversos aspectos, posicionamento diante da família, as redes sociais – divulgação sobre questões e notícias, na sala de aula através da discussão ou no movimento, no protesto, ato político.” (Carmem, entrevistada e 17 de fevereiro de 2022)

Carmem insere na sua narrativa a noção de vida enquanto ato político e a concepção de entrelaçamento entre a vida pessoal e a história de luta coletiva. Este tipo de concepção é interpretado por Castro (1992) da seguinte forma:

Isso se traduz em um estar junto ou ser parte de um projeto comum de mudança de uma identidade social imposta ao seu grupo de referência por interesses de um poder antagônico. A identidade de referência do sujeito político vai sendo traçada na relação entre biografia e história, um processo com diversos momentos e situações. Tal processo é marcado por projetos através dos quais as experiências são reelaboradas (CASTRO, 1992, p. 57-58).

Além de Carmem, a interlocutora lasmin também cita que a vida em sociedade ocorre justamente participando dela, fazendo escolhas e lutando por determinados ideais, como parte da história do próprio sujeito:

“É o livre arbítrio sobre suas decisões, liberdade de ser e agir, vivendo em sociedade, participando dela, fazendo escolhas e lutando pelos ideais que acreditamos, respeitando o direito de todos.” (lasmin, entrevistada em 25 de fevereiro de 2022)

Essas escolhas, decisões e lutas se cruzam no cotidiano, principalmente em relação às experiências das mulheres negras no que diz respeito ao seu posicionamento frente à aprendizagem histórica ao longo do tempo. Mas não seriam essas experiências marcadas pelo seu conhecimento histórico? Como isso se relaciona com a mobilização política? E a partir desta reflexão, como o conhecimento histórico dessas mulheres influencia em seu posicionamento político? De acordo com Rusen (2001), o conhecimento histórico é fator importante na discussão acerca de posicionamento político porque é a gama de conhecimentos sobre o passado que permite a tomada de atitude e a orientação dos sujeitos no presente e também suas perspectivas de futuro.

Por outro lado, Amora, que é tão jovem e ao mesmo tempo tão engajada, apresenta em sua narrativa que para além da consciência política, é necessário ação. Quando questionada sobre mobilização política, ela aborda que as ações devem convergir em marcar diferenças nos espaços, que o processo de se mobilizar tem a ver com mover-se e deste modo fazer algo diferente, agir de outro modo:

“Quando a gente se move pra fazer diferença nos espaços.” (Amora entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

Deste modo, resgato aqui a relevância de tal conscientização, principalmente pelo fato de que essa ‘diferença’ nos espaços, na qual a entrevistada afirma em sua resposta, está associada à ruptura de processos de discriminação racial e mecanismos de opressão, como é tão bem articulado por Angela Davis e apropriado pelas feministas negras em suas lutas, quando dizem que quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

Esta afirmação reitera a relação entre conscientização da opressão, posicionamento e ação política, uma relação recorrente nas falas das entrevistadas.

Ao serem questionadas sobre mobilização política, cada uma das mulheres do NUMNEGRAS destacou a importância de se posicionarem diante de uma situação e a relevância disso para que haja mudanças.

3.3.3 Tema 3 – Significado do NUMNEGRAS

Depois de ter apresentado narrativas sobre a trajetória política antes da entrada no núcleo e o significado de mobilização política, abordaremos a partir das falas o significado do NUMNEGRAS para as integrantes tecendo algumas reflexões. Durante as entrevistas um dos temas que surgiu foi o de “aquilombamento”. Duas das entrevistadas citaram de imediato, mas em momentos diferentes, a ideia de aquilombamento quando questionadas sobre o significado do NUMNEGRAS. Com características que também diferenciam uma da outra, elas tinham uma ideia semelhante da relação entre o NUMNEGRAS e o significado de aquilombamento. Uma delas, Amora, abordou da seguinte maneira:

Espaço de aquilombamento, força, afeto, mobilização. (Amora, entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

O aquilombamento citado pelas mulheres é um dos significados centrais atribuído ao núcleo. Este conceito tem sido discutido no campo acadêmico e também está presente nos discursos dentro dos movimentos sociais que discutem a ideia sócio-política de quilombismo, como é colocado pelo escritor Abdias Nascimento:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos conhecidos confirmam esta colocação. Como sistema econômico o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana [...] (NASCIMENTO, 1980, p. 348)

A autora Beatriz Nascimento corrobora com este pensamento e escreveu sobre este tema que, apesar de ser lido como espaço geográfico, poder ser concebido como algo além de tais fronteiras. Toda a simbologia da palavra quilombo tem a ver com algo além de um território físico, remetendo-se a uma questão subjetiva e de coletividade:

É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e váriase várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho a direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (Nascimento, 1989, s.p.)

De forma similar, outra entrevistada que conheci apenas virtualmente através da própria Moviafro, também menciona o aquilombamento. Com forte engajamento político, Denise participa atualmente também em atividades ligadas à partido político. Mulher negra retinta, de cabelo crespo, professora, classe média, cis, bissexual, solteira, sem religião, sem filhos, mestranda e moradora cidade de Cruz das Almas-BA, ela afirma que:

Para mim o NUMNEGRAS é um espaço de aquilombamento e resistência o qual considero como também prioritário em minha vida. (Denise, entrevistada em 28 de fevereiro de 2022)

É interessante pensar a capacidade de aquilombamento e resistência, apesar da dinâmica da virtualidade, pois o grupo embora atue em Feira de Santana/BA acolhe mulheres negras de outras cidades como Denise, por exemplo, que é de Cruz das Almas/BA, mas participa ativamente de suas atividades. Ela também relata a relevância do grupo como um espaço importante e situa o aquilombamento como algo que é uma prioridade na vida dela.

3.4 MOBILIZAÇÃO POLÍTICA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19

Nesta sessão serão elencados os registros das observações feitas durante a pandemia da Covid-19, quando realizei observação participante das *lives* da Associação Cultural Moviafro e do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras. Estas *lives* passaram a fazer parte do calendário anual e da agenda política de enfrentamento ao racismo no município e em prol da equidade de gênero. As *lives* em que as integrantes do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras participaram foram divulgadas a partir do perfil do Instagram da Associação Cultural Moviafro e através do próprio

perfil do NUMNEGRAS. Nas *lives* foram elencadas as ações do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras.

Um dos eventos ocorridos através das redes sociais foi o Encontro Moviafro de Mulheres Negras, que ocorre desde o ano de 2017. O primeiro encontro ocorreu no dia 26 de setembro de 2017, idealizado pela Associação Cultural Moviafro e patrocinado pela Associação dos Artesãos do Mercado de Arte Popular (ARTMAP), reunindo um público de cerca de 500 pessoas, em sua maioria mulheres, que assistiram as convidadas Ivanide Santa Bárbara, militante do movimento negro em Feira de Santana, eleita presidenta do Partido dos Trabalhadores (PT) de Feira de Santana; Railma Santos, mestra em História e militante do movimento negro; Vivian Nery que é pedagoga e mestranda em educação; Hely Pedreira, educadora, participante do Núcleo Moviafro de Mulheres Negras ativista na cultura afro e colaboradora do Afoxé Pomba de Malê; Flávia Santana, participante do Movimento Negro Unificado e transgênero, e Julliane Silva graduanda em pedagogia e membro da Associação Cultural Moviafro. O principal tema deste encontro foi o empoderamento da mulher negra, passando pela estética até as conquistas em todos os campos e também o enfrentamento da mulher negra diante das dificuldades intersectadas em ser mulher e negra.

Esta ação é pautada a partir da discussão feita pela autora Thereza Santos, que é teatróloga, professora, filósofa e militante negra, ao falar sobre os problemas das mulheres negras:

Em uma reunião, começaram a discutir a questão de controle de natalidade, me inscrevi para falar e uma conselheira da diretoria falou baixo para a conselheira ao meu lado: "Vamos encerrar esta questão porque já vem a outra com problema de mulher negra". Respondi: "Meu nome não é outra, é Thereza Santos, e vou levantar, sim, o problema da mulher negra nesta questão. Porque quando vocês falam em controle de natalidade é sempre a partir dos pobres e nós somos a maioria deles (...)". (...) Deixei bem claro que (...) não era um problema delas, era nosso. E que não iria admitir qualquer proposta que não fosse levada à discussão para grupos de mulheres negras (Santos., 2008:91).

O primeiro Encontro Moviafro de Mulheres Negras ocorreu antes da pandemia, no ano de 2017, a segunda edição em 2018 e a terceira em 2019. Com o advento da pandemia, nos anos de 2020 e 2021 ocorreram virtualmente e em 2022 de forma

híbrida, sendo com partes no âmbito virtual e outra no presencial. Deste modo, a metodologia desta pesquisa, que tinha em seu percurso investigar os encontros presenciais, passou a ter como fonte de dados as *lives* ocorridas na pandemia da Covid-19. Para tanto, foram acompanhados os encontros nas *lives* realizadas pelo grupo, que se caracterizou durante a pandemia enquanto estratégia de mobilização política.

Em uma das *lives* durante a pandemia da Covid-19, foi resgatada a experiência do ano de 2019, quando ocorreu a terceira edição do Encontro Moviafro de Mulheres Negras, que aconteceu presencialmente no Mercado de Arte Popular. Na ocasião da *live*, foi composta a “Mesa Tereza de Benguela”, com o tema “Mulheres Negras, histórias de resistência, coragem, superação e sua difícil trajetória na sociedade brasileira”, em que as participantes reafirmaram o compromisso de oferecer espaço para vez e voz de mulheres negras, na resistência e luta por políticas públicas.

Participaram do encontro em 2019 Ivanide Santa Bárbara, uma mulher negra idosa, de cabelos crespos, professora e uma das principais militantes do movimento negro de Feira de Santana/BA e que tem dado continuidade na luta, destacando os avanços da mulher negra desde a década de 1970 até os dias atuais, e Railda Santos que é uma senhora, mulher negra, cabelos retintos, participante das lutas no campo da educação e no movimento negro local, professora no município. Eu também participei enquanto psicóloga, pesquisadora e participante da luta na Psicologia Antirracista na cidade, de debates e ações acerca da saúde mental de mulheres negras e de sua mobilização política.

Além destas, também foi lembrada Amanda Flora, que é uma mulher negra adulta, cabelos crespos, pele retinta, assistente social e também participante das lutas no movimento negro em Feira de Santana e Maria das Graças Ferreira Santos, mais conhecida como Mãe Graça de Nanã⁵ que é uma pedagoga, ialorixá do Ilê Axé Gilodefã, que fica localizado em Oliveira dos Campinhos, município de Santo Amaro. Também estiveram presentes Flávia Santana, que é uma mulher negra, professora, transgênero e que produziu o livro intitulado: “Um Quilombo Urbano

⁵ Mãe Graça de Nanã é uma ativista negra que atua contra o racismo religioso e homofobia, esteve na Coordenação Feirense da Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro (FENACAB), e é também integrante do Grupo Nacional Mulheres de Axé e é membra do Comitê Contra Intolerância Religiosa (COINTER).

chamado Rua Nova” em Feira de Santana/BA, e integra também o Movimento Negro Unificado ativo no município; Pan Batista, participante do Conselho Estadual da Cultura da Bahia; Paula Sanffer, mulher negra, retinta, cabelos crespos, artista e cantora feirense e, por fim, Fabiana Machado, mulher branca, cabelos ondulados, advogada, ativista no movimento feminista, idealizadora do Grupo Versos de Mulher. Essas mulheres foram convidadas para compor este momento a partir de suas trajetórias em prol do empoderamento das mulheres negras e com o intuito de colaborar com os conhecimentos adquiridos e experiências nas ações afirmativas e debates acerca do tema do encontro.

Figura 4 - . Registro de tela da live “Encontro Moviafro de Mulheres Negras” (2020)



Fonte: Instagram da Moviafro

No debate, foram discutidas a história das mulheres negras e as repercussões do contexto histórico na realidade atual, e foi feito um mapeamento de novas estratégias para fortalecer o acesso digno nas áreas de saúde, lazer, segurança, trabalho, educação e ações de combate à LGBTQIA+fobia.

Este foi um momento importante para resgatar as histórias que constituem as identidades de um povo, pois a história não pode ser lida em uma narrativa única, como destaca a escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2019), ao afirmar que a consequência da história única é que pode ser roubada a dignidade das pessoas. Essa tentativa de reconhecimento da nossa humanidade, reconhecendo nossas diferenças, como fala Adichie, se relaciona com a reafirmação do compromisso com as atividades de empoderamento e conscientização na comunidade feirense sobre a realidade das pessoas negras.

Uma das Mesas organizadas na *live*, a Mesa Tereza de Benguela, composta por membros do NUMNEGRAS e convidadas especiais, teve como objetivo homenagear Dona Chica do Pandeiro, matriarca do Grupo Quixabeira da Matinha (formado em 1989 por trabalhadores rurais) da Comunidade Quilombola Matinha dos Pretos em Feira de Santana/BA e também Mestre da Cultura Popular, também considerada uma grande referência de mulher negra na região.

Essas estratégias são possibilidades que destoam de um silenciamento sobre o racismo presente no município de Feira de Santana, uma cidade marcada por histórias racistas e de violência. As mulheres do NUMNEGRAS, tentam, nessa perspectiva, construir formas de ruptura do silêncio resultante da hierarquização racial, tal como descrita por Eliane Cavalleiro:

Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais (CAVALLEIRO, 2006, p.21)

Outra estratégia também que corrobora com a colocação acima é o Concurso Miss Afro Feira de Santana/BA, que se diferencia da perspectiva comumente difundida sobre concursos de miss, visto que este não é apenas um evento focado na comparação de beleza, mas é a possibilidade de conscientização e empoderamento. Neste concurso, as participantes passam por rodas de conversas, oficinas, seminários, palestras, debates, implicando uma proposta educativa com base nos valores de justiça social.

Diante das desigualdades de raça, classe e gênero, as mulheres negras do Núcleo têm construído em sua agenda política uma série de estratégias cotidianas

relacionadas ao contexto do interior da Bahia e que servem como possibilidades de projetos de transformação da realidade local. Esse conjunto de estratégias é retratado na produção da intelectual negra Jurema Werneck, quando esta aborda a disputa de posicionamentos e narrativas entre diferentes segmentos sociais:

Tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que as mulheres negras desenvolveram e desenvolvem suas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto) definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos, a partir do que se projetam novos horizontes. Estratégias que deviam e devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação. (WERNECK, 2008, p.83)

Como dito, a estratégia do Concurso Miss Afro não tem como ideal eleger a mulher negra mais bela, mas tem o objetivo formativo de desconstrução de padrões e estereótipos de beleza. Durante o concurso, são realizados encontros de formação, conscientização, desenvolvimento e fortalecimento da autoestima e autoaceitação de mulheres negras de Feira de Santana.

Além desses, outro momento de mobilização do núcleo foi o "Papo de Pretas" que reuniu artistas negras feirenses, como Keu Costa, Marcinha Costa e a cantora e multi-instrumentista Kell Slifer, num diálogo sobre a representatividade da mulher negra nas artes e na música. Essa *live*, outra das muitas que aconteceram durante a pandemia, foi apresentada como produto da primeira etapa para o Prêmio Cultura e Desenvolvimento Local e está disponível nos canais do *Youtube* da *Mov Afro* e da ONG *Favela é Isso Aí*. Ainda outro evento foi o 1º Sarau Vozes das Pretas, que aconteceu através do *Google Meet* com apresentações teatrais e reflexões em que prevaleceram o protagonismo das mulheres negras feirenses.

Figura 5 - Cartaz do Sarau das Pretas (2020)



Fonte: Arquivo do Moviafro

Toda essa produção feminina conta com premiações desenvolvidas pelo Núcleo e demonstra que este é um movimento resistente em relação ao discurso dominante, principalmente no Nordeste que é tão sexista e não reconhece e valoriza suficientemente a mobilização feita pelas mulheres negras, muito comum ao que acontece em outras partes do mundo em que o protagonismo e trabalho intelectual e de militância das mulheres negras são desvalorizados, como coloca bell hooks:

Apesar do testemunho histórico de que as negras sempre desempenharam um papel importante como professoras, pensadoras críticas e teóricas culturais na vida negra em particular nas comunidades negras segregadas, muito pouco se escreveu sobre intelectuais negras. Quanto a maioria dos negros pensa em grandes mentes quase sempre invoca imagens masculinas. (HOOKS, 1995, p.466)

Diferente do Concurso Miss Afro, que o NUMNEGRAS realiza, também há o Concurso Miss Afro Plus Size, que luta contra a gordofobia, promovendo a valorização da beleza de mulheres negras e gordas do município e região. O evento também se difere de outros eventos do segmento, visto que o objetivo do concurso não é valorizar apenas uma mulher, mas todas as participantes em sua diversidade, dentro de uma programação que tem a duração de três meses de preparação, contando com atividades de empoderamento e conscientização.

O Concurso Miss Afro *Plus Size* elege a mulher negra e gorda que representará Feira de Santana e sua região no combate a esse tipo de preconceito. Com o objetivo de valorizar a beleza da mulher negra e gorda do município e da sua região, é uma

tentativa de pensar na identidade racial dessas mulheres gordas não como um marcador negativo, mas como possibilidade de autoafirmação.

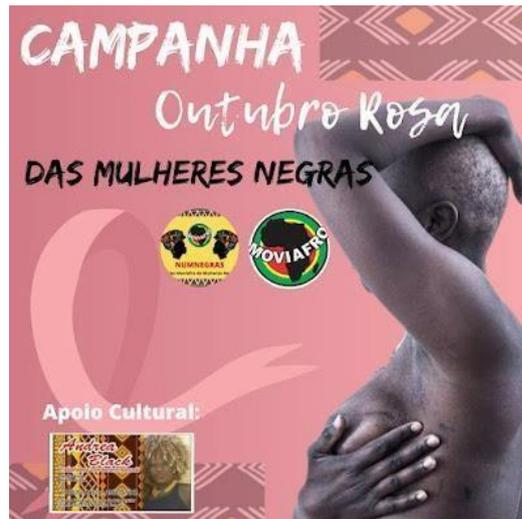
Se diferencia de outras perspectivas de concursos, pois este evento não visa fazer apologia à obesidade, mas, sim, valorizar a mulher negra e gorda pelo que ela é, pelo que ela produz e pela sua importância na sociedade, além de quebrar os padrões estéticos de branquitude que são impostos pela sociedade. Tem como objetivo desenvolver um processo formativo sobre a luta pela sobrevivência e conquista de direitos no campo da saúde, educação, trabalho e lazer, assim como debater a história das mulheres negras que lutaram e lutam no município feirense considerando as diferenças entre elas. Esta proposta ressoa com o que defende a intelectual Rufino:

[...] qualquer estratégia de promoção da mulher deve considerar as diferenças que existem entre as mulheres, adaptando as políticas públicas às necessidades reais das mulheres brancas, negras, indígenas, para que essa metade da população feminina, negra e indígena, chegue junto com a mulher branca ao poder. (RUFINO, 2007, p.13)

Nesta campanha, busca-se também dialogar e emancipar as mulheres pretas no que se refere à saúde das mulheres negras, pois é visível a negligência e precarização de políticas públicas para exame de detecção precoce do câncer, por exemplo. Na campanha, são realizadas publicações nas redes sociais, cards informativos e instrutivos sobre a importância do autoexame e a realização de rodas de diálogos online como formas de mobilização.

Nesta estratégia, a ênfase não apenas incide sobre a importância do autoexame, pois este aspecto vem sendo mencionado pela grande mídia há muito tempo, mas também, através do NUMNEGRAS, o intuito da discussão é justamente trazer dados sobre a realidade das mulheres negras, que se diferencia da realidade das mulheres brancas.

Figura 6 - Campanha Outubro Rosa promovida pelo Núcleo Moviafro de Mulheres Negras durante a pandemia da Covid-19 em 2021



Fonte: Arquivo do Blog Moviafro (2021)

Seria então uma tentativa de expor as contradições e desigualdades dentro do próprio movimento de mulheres e lutas em comum como as questões do Outubro Rosa, que atravessa a vida de mulheres negras e brancas, porém de maneira marcadamente desigual. Assim como relata a autora Sueli Carneiro (2003):

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre as negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação a solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros (CARNEIRO, 2003, p.120)

Estas ações e debates fazem parte da própria constituição do Núcleo, ou seja, fazem parte do calendário anual que o coletivo desenvolve pela Associação Cultural Moviafro e tem se consolidado no município desde então. Apresentar estas experiências neste estudo é relevante para apresentar o universo da pesquisa e também para refletir como este está inserido dentro dos movimentos sociais que ocorrem no município de Feira de Santana-BA.

O próximo capítulo irá apresentar os desafios enfrentados pelas mulheres do núcleo nessa tentativa de mobilizar-se politicamente, incluindo os aspectos pessoais que fazem parte da dinâmica de cada uma delas. Afinal, quais são os obstáculos enfrentados neste processo? Seria a maternidade? A família? A questão econômica?

A partir das narrativas das mulheres entrevistadas serão elencadas reflexões sobre estes desafios e sobre as possibilidades para a concretização de uma agenda política feminista negra.

4. OBSTÁCULOS ENFRENTADOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO PELAS MULHERES NA MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

Após o diálogo acerca da história da Moviafro; a descrição de mobilização política pelo NUMNEGRAS; a apresentação do perfil socioeconômico das mulheres; as trajetórias e as motivações para entrada na Moviafro; neste capítulo serão apresentados os obstáculos enfrentados pelas mulheres na mobilização política, assim como as estratégias para enfrentá-los, considerando suas falas nas entrevistas realizadas.

O que dificulta a participação ativa ou a assiduidade no grupo? A maternidade? A conjugalidade? A classe? Outros desafios? Quais são as possibilidades para a concretização de uma agenda política feminista negra? O trabalho de campo para a pesquisa foi realizado durante o distanciamento social, decorrente da pandemia de COVID-19; desta forma, as entrevistas foram feitas de forma virtual. Provavelmente devido à minha inexperiência com pesquisa etnográfica online, assim como as dificuldades das próprias mulheres com esta forma, os encontros tornaram-se rápidos e práticos.

Percebi que isso pode ter afetado o tipo de resposta, elas colocaram respostas curtas e tudo isso foi bem diferente da expectativa que eu havia alinhado para pesquisa no campo, pois havia imaginado que seria possível descrever respostas longas e ter assim mais dados para análise. Tive também dificuldade em observar pontos importantes ao método etnográfico, como, por exemplo, as suas vestimentas e contexto de fala, visto que na tela muitas delas mostravam apenas o rosto pela proximidade com a câmera de notebook e/ou celular durante a chamada de vídeo, assim tive dificuldade em observar como se comportavam como um todo ou gesticulavam durante as respostas.

Neste capítulo, o texto será dividido em duas partes: 1) obstáculos enfrentados pelas mulheres negras; 2) estratégias para lidar com estes obstáculos.

4.1 DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NEGRAS

Para identificar os obstáculos enfrentados pelas mulheres do NUMNEGRAS na mobilização política em Feira de Santana/BA, foram feitas algumas perguntas específicas sobre as formas de participação políticas e/ou culturais destas mulheres. Foram encontrados obstáculos vivenciados pelas mulheres e estratégias para driblar dificuldades, começarei trazendo a Helvira e suas particularidades,

posteriormente as outras integrantes. Helvira é uma mulher negra retinta de baixa estatura, de cinquenta e cinco anos de idade, educadora, aposentada, heterossexual, cisgênero, mãe, avó, de cabelos crespos pretos e um *dread*, que vive uma união estável monorracial e monogâmica com um homem negro artista, ativista e pesquisador. Helvira participa ativamente do NUMNEGRAS no grupo de trabalho que compõe a comissão interna de organização das ações afirmativas e dos debates do núcleo.

Quando apresentei a proposta da entrevista em fevereiro de 2022 via WhatsApp, ela ficou em silêncio durante um dia. Retomei o contato e após as 24 horas, ela disse o seguinte: “uma ação que vai dar visibilidade ao núcleo e a Associação Moviafro é sempre muito bom pois contribui com a autoafirmação do trabalho da etnicidade”. Logo após ter dito isso, afirmou que estava muito enrolada durante a semana e que não poderia ser entrevistada, ao que sugeri que poderíamos nos encontrar em algum horário alternativo, à noite, por exemplo, e ela disse que assim seria melhor.

Helvira é uma mulher conhecida na cidade, já dirigiu uma escola, faz parte do cenário de mobilização política feirense há mais de 15 anos em prol da população negra e em sua trajetória há uma participação ativa no Afoxé Pombade Malê. É convidada com frequência em entrevistas, debates, mesas, rodas de conversa, o que as vezes é relacionado também ao fato de seu companheiro ser um artista conhecido no cenário musical, realizando shows na cidade, onde tem sido ativista há muitos anos. Sua importância algumas vezes é tida por outras pessoas como estando atrelada à sua relação afetiva, mas me questiono se isto não é parte de um processo comum de invisibilidade das mulheres que são vistas como “complementares” à trajetória de seus companheiros.

Utilizo a ideia de invisibilidade com o pressuposto de que as mulheres ocuparam uma posição percebida como secundária ou inferior no interior das organizações sendo “escondidas” com o rótulo de “mulher de”, “companheira de” ou “filha de”. A história da esquerda brasileira foi, e é até hoje, escrita em torno das trajetórias destes “grandes homens” (GOLDENBERG, 1997, p. 352).

Porém, apesar dessa visibilidade em torno da conjugalidade, Helvira constrói a sua própria história com suas próprias lutas, mobilizações e ativismo com outras mulheres negras, assim como no núcleo. Apesar da história social brasileira ser composta por mulheres que foram companheiras ou filhas de algum homem famoso,

Helvira sustenta a sua construção pessoal no movimento negro em Feira de Santana. Neste período da pesquisa, no início do ano de 2022, Helvira estava dividindo seus dias entre fisioterapia, acupuntura, consultas e exames médicos de sua mãe. Além de ser responsável pelos cuidados de sua mãe, Helvira também sofre de fibromialgia, e em vários momentos teve dificuldades para estar presente em ações e debates do Núcleo.

As mulheres continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não-remunerado, principalmente em tempos de crise. Devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado recaem principalmente sobre as mulheres, que, em geral, têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças. (ONU MULHERES, 2020, p.1)

Essa realidade de Helvira precisa lidar com uma série de responsabilidades e tarefas diz respeito a vivência de uma desigualdade que estrutura e coloca ela em uma determinada posição social interseccionada por gênero, raça e classe, acarretando deste modo este obstáculo que é a sobrecarga da multitarefa em seu contexto de vida:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 1989, p.7)

Helvira falou que ficou contente em saber que havia a coorientação da Profa. Dyane Brito em minha pesquisa, visto que esta foi orientadora de seu atual companheiro, mas, mesmo assim, continuou com indisponibilidade, afirmando que precisava, além de acompanhar a sua mãe, organizar o jantar para que seu esposo pudesse se alimentar. Todas essas objeções alongaram o tempo de espera para que pudéssemos de fato nos encontrar e realizarmos a entrevista como havíamos combinado inicialmente. Acrescentou que também estava tensa, pois a mãe de seu companheiro estava internada, e tudo isso gerava atraso e desconforto para realizar de fato a entrevista. Esta demora em me encontrar indica em si as múltiplas atividades de cuidado que uma mulher como Helvira deve realizar em seu cotidiano e que dificultam sua ação em movimentos sociais.

Após oito dias do convite, ela se colocou à disposição. Lembro-me bem que ao entrevistá-la comecei a estranhar aquilo que era familiar, principalmente ao questioná-la sobre suas dificuldades em participar da mobilização política. Precisei manter uma vigilância epistemológica, haja visto que a conhecia e por ter uma certa reverência acerca da sua trajetória enquanto mulher negra que atua desde 2000 na cidade.

Helvira mencionou que teve dificuldades de participar da “Roda de Conversa: Rede de Apoio e Aquilombamento” que ocorreu no dia 30 de setembro de 2021, através do Google Meet, às 19:00 h. Este encontro mencionado foi elaborado pelo Núcleo e teve como objetivo fortalecer mulheres e meninas negras, dialogar sobre empoderamento e estimular a rede de apoio e aquilombamento entre nós. Na oportunidade, estiveram como palestrantes as mulheres negras Luane Lobo, Yves Samara, Dilvana Souza, Juliane Silva e Suellen Cardoso que se apresentavam enquanto participantes/representantes no município e região em relação ao debate do movimento negro local.

Helvira me disse que teve dificuldade com a conexão de internet, apesar de ter conseguido fazer sua inscrição. Ela também se incomodou com a ausência de outras companheiras e sinalizou que acredita ter sido justamente pela mudança de acesso aos encontros feitos pelo NUMNEGRAS. Na sua percepção, as discussões são importantes, mas o formato de inscrição via e-mail, confirmação, depois recebimento de link da sala de Google Meet dificulta a entrada mais livre nas atividades:

“Apesar de ter conseguido fazer a inscrição na ocasião, ontem tive dificuldade em permanecer por conta da internet. Senti falta da presença de mais companheiras, me questionei se foi por conta da mudança de acesso, pois as temáticas discutidas foram ótimas e tão necessárias.”(Helvira em 01 de outubro de 2021 conversa informal via WhatsApp)

Essa mudança de acesso nas atividades durante a pandemia ocorreu devido ao fato de que algumas pessoas participavam das *lives* no Instagram e depois solicitavam o certificado de participação mesmo sem ter participado em toda a *live*. Com o fluxo de entrada e saída nas *lives* o controle de participação ficou bastante fragilizado e devido a isso houve a tentativa de mudança de acesso nas ações e debates, sendo então realizado através de inscrição via *e-mail* e envio de *link* do *Google Meet*.

Penso que essa dificuldade pode estar relacionada à sua experiência dentro do movimento negro com ações presenciais e também pela pouca familiaridade com computadores devido a sua idade, sendo uma mulher negra nascida há mais de 40 anos e que ao longo de sua trajetória política não adquiriu o manejo necessário para a comunicação e ativismo online.

Helvira também afirma que, para participar das atividades presenciais do Núcleo, precisa pagar um transporte com motorista por aplicativo (*uber*) ou táxi, o que se caracteriza como um fator de dificuldade a mais, pois sua mobilidade urbana, assim como de outras pessoas negras, é dificultada pela precariedade dos serviços públicos de transporte. Além disso, ao ser questionada do que não gosta no grupo, Helvira comenta que não gosta quando as ideias são postas como já dadas, ou seja, entende-se que em alguns momentos no grupo ela percebe que não foi consultada para determinadas decisões e que isso gera uma insatisfação na sua participação no Núcleo.

Neste sentido, a impressão que tenho é que a fala de Helvira neste momento demonstra uma ausência de democracia na tomada de decisões no grupo e que isso de certa forma gera incômodo nela. Como coordenadora do grupo, esta foi uma crítica que tomei como à minha atuação, gerando desconforto, mas também consciência do que devemos melhorar como núcleo.

Neste segundo momento, apresentarei os obstáculos enfrentados por Carolina, que é uma mulher negra de pele retinta, cabelos crespos, altura mediana, de cinquenta e dois anos, cisgênero, divorciada, heterossexual, mãe de três filhas, graduada em Serviço Social, funcionária pública, que não possui religião e que se considera de classe média. Inicialmente, ao ser questionada sobre o que não gosta no grupo, Carolina afirma que houve um distanciamento no grupo devido a pandemia da Covid-19.

Ela percebe que a falta de contato físico enfraqueceu sua relação com outras participantes. Carolina foi questionada sobre a sua atuação no núcleo e sobre os obstáculos que ela enfrenta, ao que ela relatou que a pandemia instaurou no grupo outra forma de comunicação – a virtual – e que ela se identifica mais falando de perto, com contato corpo-a-corpo:

“Hoje não estou atuando tanto devido a pandemia, mas quero participarmais, sou mais de falar de perto, tenho muitas vontades e ideias. As outras estão

empenhadas, até de outras cidades e com vontade de fazer acontecer.”
(Carolina, entrevistada no dia 17 de fevereiro de 2022)

Carolina aborda na resposta acima pelo menos três questões, a primeira é que, apesar das dificuldades, ela quer participar e isso é um fator que deve ser considerado, afinal ela enfatiza que não apenas quer, mas que tem muitas vontades e ideias, ou seja, ela expressa um real interesse de participação. Porém, no mesmo trecho, Carolina coloca um descontentamento, uma falta de manejo de atividades virtuais, ela se conecta e se interessa por encontros que prezem pela interação presencial regada a afetos, toques físicos e quer dialogar ~~em~~ frente.

Na entrevista, Carolina não deixou claro se sua maternidade também é um fato que dificulta a sua participação mais ativa, ou mesmo a sua carga horária como assistente social no município. Lembro-me que em uma das atividades virtuais, Carolina citou que a rotina é cansativa.

Mas não ficou explícito na fala de Carolina o que deixa ela tão cansada que dificulta conciliar a rotina e as reuniões. Porém, de forma implícita na sua entrevista, ela aborda a responsabilidade em ter que lidar com as múltiplas tarefas que ela encontra na sua rotina. Como comum entre mulheres negras das classes menos favorecidas economicamente, Carolina é chefe de família, sendo divorciada e a principal responsável pela manutenção e cuidado de suas três filhas. Pode-se pensar aqui que, caso ela fosse uma mulher de classe média e branca, provavelmente teria ajuda de uma empregada doméstica e não teria que realizar as suas tarefas domésticas e de cuidado com filhos.

Em um terceiro momento, trago a participação da Carmem, professora de literatura, mestra, graduanda em Direito, de acordo com ela, classe baixa/trabalhadora, solteira, mulher, negra, jovem, cis, heterossexual, autodeclarada espiritualista e mãe de dois filhos. Carmem tem uma experiência mais recente no grupo e participou de apenas duas reuniões do Núcleo, se mostrando bastante ativa e colaborando com as discussões. Ao ser questionada sobre suas dificuldades em participar da mobilização política, das reuniões, ela cita que não apresenta, relatou:

“Eu não tenho dificuldades, se há prioridade, dá pra participar.”
(Carmem, entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

Apesar desta afirmação, no mês posterior, no dia 11 de março de 2022, própria Carmem, ao enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da entrevista assinado, verbalizou que teve dificuldades de estar presente por cuidar de questões familiares, espirituais e precisar de um tempo pra poder resolvê-las. Ela ainda acrescenta que apesar de não ter uma programação parasair, estava trabalhando em sua espiritualidade e que estávamos neste momento mês de março de 2022 vivendo um tempo difícil, com mudanças energéticasno planeta onde é necessário renúncia, disciplina e dedicação para um bem maior.

Ainda no dia 31 de março, Carmem informa que sua ausência no grupo, visto que não estava mais participando das reuniões, se dava ao fato de uma das suas avós ter tido um Acidente Vascular Cerebral na Comunidade de Coroa Vermelha, localizado no extremo sul da Bahia, e de ela ter que assumir o cuidado da sua outra avó aqui no município de Feira de Santana, para que outras pessoas pudessem ir cuidar da sua avó lá. A sua responsabilidade para com sua avó se relaciona ao dispositivo materno:

O dispositivo materno diz respeito, assim, a um lugar de subjetivação no qual as mulheres são constituídas como cuidadoras 'natas'. (...) esse dispositivo se construiu historicamente, sobretudo a partir do século XVIII, momento esse no qual a capacidade de maternagem foi compreendida como desdobramento da capacidade de procriação (ZANELLO, 2016, p.113-114)

É importante salientar esta dificuldade está também relacionada à falta de recursos financeiros e rede de apoio para os cuidados básicos, o que a coloca na condição de cuidadora, gerando assim um acréscimo de atividades em sua rotina, em que ela já exerce o papel de cuidado pelo fato de ser mãe.

Me questiono se ela não se sentiu confortável inicialmente por ser entrevistada via gravação e Google Meet, ou se de fato estava com dificuldades e responsabilidades. Inclusive, desde aquele momento até agora em setembro, Carmem continua ausente e cuidando de questões outras, apesar de se manter no grupo do WhatsApp. Com o intuito de escutar um pouco mais sobre essa suposta ausência de dificuldade, questionei também sobre continuar a se ausentar das atividades, perguntando a ela sobre deslocamentos e uso de transportes, ao que ela também relata que não houve ainda necessidade de uso de transporte por que ela participou apenas de atividades virtuais, mas que se fosse necessário se deslocar que ela daria um jeito de participar.

No dia 17 de fevereiro, entrevistei também Amora, uma mulher negra, jovem, psicóloga, de classe baixa, cis, heterossexual, cristã, sem filhos e pós – graduanda, e perguntada sobre suas dificuldades, ela mencionou a incompatibilidade de horários, pois em alguns momentos ela está realizando outras atividades tais como a atuação na Psicologia Clínica; pós-graduação ou outros grupos em que ela também participa ativamente.

Amora divide seu tempo entre momentos conjugais com seu noivo, com sua mãe que reside com ela, com seu trabalho na área de Psicologia, com os coletivos que faz parte, o NUMNEGRAS e também com seus afazeres domésticos. É uma mulher jovem de 28 anos que tem múltiplas atribuições que tenta na medida do possível conciliar com suas atividades pessoais, profissionais e de militância na cidade.

Recordo que em alguns momentos nas reuniões, Amora avisava que chegaria um pouco mais tarde ou precisaria sair um pouco mais cedo devido aos horários serem semelhantes ao de atendimentos de pacientes, por exemplo, e neste caso tinha dificuldade de se manter presente em toda a reunião e/ou atividade do NUMNEGRAS. Apesar disso, ela também relatou que se considera ativa, mas gostaria de estar mais presente, ao ser perguntada sobre sua frequência no grupo.

“Participo ativamente, mas gostaria de ser mais ativa, não percebo dificuldade, só mesmo a questão de dias e horários.” (Amora, entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

Não obstante, questionei a Amora também sobre como tem sido a sua participação no Núcleo e mais uma vez ela relatou que gostaria de ter contribuído mais e de ter tido a oportunidade de estar mais presente nas atividades desenvolvidas pelo NUMNEGRAS. Em sua fala, ela demonstrou a expectativa de poder fazer mais, e ao mesmo tempo, mencionou o acúmulo de atividades que precisa dar conta em seu cotidiano. Ela relatou:

“Gostaria de ter contribuído mais, mas por causa de pandemia, do trabalho, das questões pessoais não consegui. Mas gosto de contribuir, tenho expectativa de fazer mais.” (Amora, entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

Quando foi indagada sobre precisar faltar atividades pessoais e/ou de trabalho para estar presente nas atividades do núcleo, Amora coloca que não precisou necessariamente faltar, mas que chegou atrasada em detrimento de seus compromissos. Também foi perguntada sobre o seu deslocamento para os encontros presenciais e ela mencionou que no caso de encontros no Mercado de Artes (MAP), localizado no centro da cidade, ela vai a pé, sendo assim, não dispõe de um transporte particular para se deslocar e a sua mobilidade é enquanto pedestre.

Na sua atuação, sempre que possível, Amora desenvolve a criação de *cards* de divulgação de atividades, cria *links* de sala do *Google Meet*, faz postagens em suas redes sociais tanto no *Instagram* quanto no *WhatsApp*, assim como convida as pessoas para participarem das atividades realizadas pelo NUMNEGRAS com vídeos e textos, mobilizando também as próprias integrantes do grupo.

No início da entrevista, em relação aos dados do perfil socioeconômico, ela disse que em relação à sua religiosidade se considera cristã, mas em nenhum momento ela enfatiza esse fato durante suas respostas. O Núcleo Moviafro de Mulheres Negras não tem um critério religioso de participação, porém fomenta em suas atividades, como observado nas *lives*, a reverência e admiração por religiões de matrizes africanas, inclusive com saudações como a palavra “axé”; e citação de nomes de orixás entre participantes do candomblé ou mesmo saudações em *yorubá*. Apesar dessa diferença religiosa, Amora participa ativamente no grupo. Em um quinto momento, entrevistei Ytamara, mulher negra com pele retinta e traços físicos negroides de cabelo crespo *black*, feirense, de 34 anos, graduada em História e mestra em Pedagogia. Ela se intitula como mulher preta, cisgênero, atualmente está solteira e é heterossexual, participante de uma comunidade religiosa de matriz africana (candomblé), e não possui filhos.

Ytamara nas reuniões, e também ao acompanhar as *lives*, passa a maior parte do tempo em silêncio, sendo assim não expressa suas opiniões com frequência. É um questionamento que pode ser levantado em uma futura pesquisa, compreendendo que houve muitos silêncios dado as circunstâncias em que as entrevistas foram feitas, e muito do que se revela nas entrelinhas são desdobramentos das questões que foram apresentadas até aqui.

Antes de adentrar nos obstáculos enfrentados, ressalto um comentário que Ytamara fez. Ao ser questionada sobre a sua atuação no núcleo, ela afirmou o

seguinte: “Sinceramente, ainda não atuo. Mas se me convidarem para participar de algo eu participo. Tem gente que se dedica mais, como Suellen, Marinalda, Vânia.” Este comentário de Ytamara me chamou atenção, tanto pela sinceridade de afirmar que não atua no Núcleo, quanto pelo comportamento de esperar que a convidem para participar das ações. Ytamara não tem de fato tanto interesse ou não há disposição em se colocar como ativa no núcleo assim como outras companheiras. O que de fato impede dela se sentir à vontade em liderar? Estas questões interpelam a pesquisa, haja vista que Ytamara conhece a história da Associação Cultural Moviafro, foi convidada pelo próprio presidente para participar e está no Núcleo Moviafro de Mulheres Negras desde o início, conhecendo como funciona e o propósito do mesmo.

Este foi um dos momentos difíceis pois tive que suspender meu papel de coordenadora e manter uma vigilância epistemológica, visto que naquele momento, eu tinha em mente uma resposta sobre sua frequência devido ao fato de acompanhar todas as reuniões do núcleo enquanto coordenadora. Mantive o esforço de estranhar o que era familiar e direcionei minha atenção ao que Ytamara respondeu, tentando silenciar minhas pressuposições como participante e coordenadora do grupo.

Para compreender melhor, perguntei a Ytamara se ela percebe alguma dificuldade em participar, haja vista que, diferente das outras integrantes, Ytamara não é mãe, não tem filhos, não tem sob sua responsabilidade a partilha de uma vida conjugal, tendo assim mais disponibilidade logística para participar. Ela respondeu a minha pergunta de forma evasiva e breve:

Não percebo dificuldade, escolha pessoal não estar tão presente antes.
(Ytamara, 17 de fevereiro de 2022)

Ainda perguntei a Ytamara se ela precisou em algum momento faltar atividade de estudos ou trabalho para participar de alguma atividade do núcleo e ela respondeu e de novo ela me respondeu de forma breve:

Nunca precisei faltar atividades não. (Ytamara, 17 de fevereiro de 2022)

Quando escutei a resposta que vi como muito superficial, refleti sobre o fato da modalidade online, e fiquei sem saber ao certo como de fato agir diante de respostas tão sucintas, não sabendo ao certo se naquele momento deveria questioná-la mais para aprofundar ou deixar o espaço livre para que ela falasse o

tanto que considerasse necessário. A entrevista continuou com respostas sucintas quando questionei sobre sua mobilidade na cidade, e sobre como ocorre seu deslocamento em caso de participação em atividade do Núcleo para ações presenciais, ao que ela apenas colocou: Ônibus ou *uber*, o que der.

Posteriormente, entrevistei Paula, de 52 anos, graduada em Direito e pós-graduada, mulher negra de pele clara, delegada da Polícia Civil no estado da Bahia, atuando no município de Salvador. Também é cisgênero, solteira e lésbica, participante de uma comunidade religiosa de matriz africana, o candomblé, e não possui filhos. Questionei Paula com qual frequência ela participa das reuniões do núcleo e ela disse que participou de uma, mas, mesmo assim, perguntei se ela percebe alguma possível dificuldade para participar, ao que ela afirmou que:

Sim, mas em virtude de choque de horário de trabalho. (Paula, 6 de março de 2022)

Devido as suas atividades de trabalho na delegacia da Polícia Civil, Paula coloca que talvez tenha dificuldade em participar dos encontros e ações por causa da incompatibilidade de horários. Além disto, pelo meu conhecimento anterior de Paula, pude observar que ela também tem como interferência a questão territorial, pois reside e trabalha na capital baiana e as ações em do grupo ocorrem em Feira de Santana/BA, sendo que ela participa do grupo por interesse em colaborar mesmo que seja virtualmente.

Entrevistei ainda Maria, outra mulher negra de pele retinta, microempreendedora da empresa Natura, de classe baixa, estatura baixa, cabelo crespo, de 51 anos e com ensino médio completo. Atualmente está casada com um homem negro, é heterossexual, considera-se católica e tem 4 filhos, também é avó, culinária e se intitula como ativista do movimento negro e movimento social, e coordena outro núcleo na Associação Cultural Moviafro que é o NUNMAS, o Núcleo Moviafro de Ação Social.

Ela participa ativamente de todas as ações e debates, se coloca à disposição para construir, consolidar e fomentar o que é produzido pelo núcleo e, além disso, com frequência convoca as outras integrantes para participarem ativamente através de mensagens escritas no grupo do WhatsApp ou mesmo via áudios.

Apesar de Maria ter quatro filhos, ter uma relação conjugal e atividades domésticas para realizar e de empreendedorismo, tem assiduidade nas atividades que são promovidas e colabora fortemente pelo NUMNEGRAS, seja no meio virtual ou presencial, tornando possível as ações que são pensadas coletivamente. Mesmo em meio aos afazeres domésticos e as vendas de seus produtos cosméticos ele se organiza e participa das atividades.

Além de Maria, entrevistei lasmin de 49 anos, que é uma mulher negra, cabelos cacheados, residente em Feira de Santana/BA, graduada em Psicologia e Pedagogia, também possui pós-graduação a nível mestrado, é cisgênero, heterossexual, viúva e considera-se católica e possui dois filhos. lasmin tem seu próprio transporte (possui um carro) e se veste comumente com blazers, calças de alfaiate, blusas de cetim e semi-jóias.

Sua atuação na militância em Feira de Santana teve início em 2016, construindo mobilização política, debates, ações dentro e fora de espaços públicos, universitários e no Conselho Regional de Psicologia. Além de atuar em Feira também tem participação em um grupo de feminismo em Salvador e em uma comunidade em Oliveira dos Campinhos-BA.

Nós nos conhecemos quando eu era graduanda de Psicologia na Subsede do Conselho Regional de Psicologia, há quase 7 anos atrás, quando estávamos implementando e fortalecendo o Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais (GTPRR). Foi neste período que me tornei coordenadora do Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais da Subsede Sertão Recôncavo e como ela atuava no conselho, nos aproximamos.

O discurso que temos é comum de acreditar na Psicologia Antirracista e por isso diversos debates e ações foram realizadas juntas ao longo do tempo, até mesmo viagens dentro e fora do estado da Bahia. lasmin atua não apenas no campo da Psicologia na cidade, mas também faz parte da Comissão de Igualdade da Secretaria de Educação de Feira de Santana/BA. Foi nessa atuação na Secretaria de Educação que ela conheceu uma das integrantes do NUMNEGRAS, sendo convidada para participar do mesmo. Desde então tem participado das ações e dos debates promovidos por este coletivo, assim como integra o grupo de trabalho na construção dessas atividades.

Perguntei a lasmin com qual frequência ela participa das reuniões do Núcleo e ela disse que raramente falta, e que tem boa frequência.

Eu não precisei faltar atividades de estudo ou trabalho para participar de alguma atividade do núcleo. (lasmin, 25 de fevereiro de 2022)

Essa assiduidade e falta de dificuldade podem estar relacionadas à condição financeira de lasmin, o que facilita a sua participação e comodidade, pois a mesma nunca relatou, por exemplo, precisar realizar tarefas domésticas. Possui terrenos e tem casa própria, além de seu próprio carro, o que faz com que, quando há alguma atividade presencial, ela consiga se deslocar facilmente. Sua residência é próxima do centro da cidade e tem também bom conhecimento geográfico do município, por transitar com frequência dirigindo para atividades de estudos ou trabalho.

Apesar de lasmin ser negra como as outras mulheres, ela participa de outra classe e tem condições financeiras diferentes das outras integrantes, sendo assim, tem menor dificuldade em driblar a encruzilhada da interseccionalidade das múltiplas dificuldades que encontramos para lutar contra as opressões.

Outra integrante entrevistada foi Denise, uma mulher jovem de 22 anos, olhos castanhos escuros, pele retinta, cabelo crespo estatura mediana, traços negroides, que se veste em alguns momentos com vestidos estampados com personagens negras (os) e acessórios grandes, e em outros momentos com vestimentas formais, *blazers*, camisas de cortes retos, calças, saltos e acessórios pequenos.

É professora de crianças, afirma ser de classe média apesar de não possuir casa própria, automóvel e nem salário compatível à sua autodefinição de classe, se intitula como mulher preta, está atualmente solteira, é bissexual, cisgênero, diz não ter religião e não tem filhos. Atualmente cursa o mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente na Faculdade Maria Milza em Cruzdas Almas/BA, cidade em que reside.

Denise é uma das integrantes com quem eu tenho maior afinidade, nós dialogamos não apenas nas reuniões, mas também fora delas, durante o período da pandemia. Em alguns momentos, inclusive, em que precisei de acolhimento pessoal, ela se colocou à disposição em nome de uma amizade que ela acredita que desenvolvemos ao longo deste tempo. Apesar de nunca termos nos encontrado presencialmente, temos uma relação próxima e bem acolhedora.

Quando a convidei para entrevista, ela se colocou à disposição de forma imediata e precisei me esforçar durante a entrevista para conhecê-la a partir de suas próprias palavras e não pelas minhas considerações enquanto coordenadora e amiga. De certo modo, foi também uma entrevista difícil por me perceber em três lugares ao mesmo tempo e entender que naquele momento o meu lugar era de pesquisadora.

No início, quando mencionei que iríamos falar sobre os obstáculos enfrentados, mesmo antes de iniciar as perguntas ela afirmou que a distância e recursos financeiros são dois fatores que são considerados por ela enquanto obstáculos para participar ativamente das práticas presenciais, mas que mesmo assim ela fazia questão de se esforçar para participar das ações e debates.

Questionei sobre sua frequência no grupo, ou seja, com qual frequência ela participa das reuniões, ao que ela respondeu que sua participação era média. Perguntei também se ela percebe alguma dificuldade para participar, afinal ela mesma disse na resposta anterior que sua participação é média, ela afirmou, ecoando problema semelhante à das outras mulheres, o choque de horários com outras múltiplas atividades que desempenha, assim como mulheres negras que ocupam uma determinada posição numa sociedade estruturada pelo racismo.

Sim, percebo dificuldade em participar, às vezes por causa dos horários.
(Denise, entrevistada em 28 de março de 2022)

Denise encontra dificuldade com os horários principalmente pelo fato de que a sua jornada é atravessada por uma série de responsabilidades, tais como: estudar no mestrado, trabalhar como professora infantil, realizar tarefas domésticas dividindo as atividades nos três turnos.

Neste sentido, tentei entender como ela percebe a própria participação no Núcleo e se com essa dificuldade dos horários ela se percebia de forma positiva, negativa ou outra percepção, ela respondeu:

Eu penso que minha participação é boa, mas pontuo que pode ser melhor. (Denise, entrevistada em 28 de março de 2022)

Visto que ela considera que é boa e pode melhorar, busquei entender qual ação que ela se interessa mais em participar, se das ações e debates que são promovidos

pelo núcleo, até mesmo para compreender em que medida ela se conecta com o grupo e ela relatou:

Em relação as ações que me interessam, eu me interessam mais pelos eventos e palestras. (Denise, entrevistada em 28 de março de 2022)

Depois, perguntei a ela se já precisou faltar atividade de estudos ou trabalho para participar de alguma atividade do núcleo, afinal ela é professora em Cruz das Almas e é mestranda também na FAMAM ela afirmou:

Algumas vezes sim e reitero que por opção, visto também ser uma prioridade. (Denise, entrevistada em 28 de março de 2022)

A partir do momento em que Denise afirma que ela estuda e trabalha, sendo esta uma mulher jovem solteira e que gerencia o seu próprio lar além de toda dinâmica doméstica, já demonstra em si os obstáculos em seu contexto para que consiga de fato estar presente em Feira de Santana/BA realizando ações com as outras mulheres na associação. Denise aponta em sua resposta que em alguns momentos precisa faltar atividades de estudos ou trabalho. Além desta questão é válido ressaltar sobre a sobrecarga emocional e física de quem tem uma tripla jornada, esta que inclusive não pode ser naturalizada e vista como fácil de ser manejada. Como ela é de outro município e não possui transporte, também busquei entender como era pra ela poder se deslocar para participar das ações presenciais, ela respondeu:

Neste caso, preciso pegar um ônibus para a rodoviária e ver a possibilidade da coordenadora ou idealizador do grupo me buscar, caso contrário pego um transporte da rodoviária até o local destinado. (Denise, entrevistada em 28 de março de 2022)

De acordo com o que foi abordado por Denise acima, ela enfrenta uma série de obstáculos para participar das ações presenciais em Feira de Santana, o primeiro fator que pode ser elencado é o fato de que existe um gasto financeiro de sua parte para se deslocar da sua residência em Cruz das Almas/BA para o espaço de destino no município de Feira de Santana/BA.

Além destes dois fatores, podemos agregar que há um terceiro ponto relevante que é o desconhecimento geográfico territorial de Feira de Santana e a co-dependência de um agente que participe do Núcleo ou da associação para que possa buscá-la no Terminal Rodoviário da cidade, já que existe a questão de segurança que envolve todo este contexto vivenciado pela integrante do grupo de mulheres.

Também entrevistei Carmem, de 33 anos, que conheci recentemente, uma mulher negra, de estatura mediana com cabelos cacheados, professora de literatura, graduanda em Direito, cisgênero, atualmente solteira, se vê como heterossexual e espiritualista, possui dois filhos e também é pós-graduada em nível mestrado. Carmem participa do grupo há pouco tempo, porém se colocou à disposição para participar da entrevista feita as integrantes do núcleo. Nós realizamos o encontro virtualmente por meio do Google Meet, onde de forma muito confortável, abordamos as questões elencadas anteriormente. Antes de participar do Núcleo, Carmem tem uma trajetória política e ativista em Feira de Santana, participou de outros debates, ações e grupos, de modo que sua linguagem perpassa sua experiência em mobilização política e questionamentos que são desdobrados através da sua vivência no campo acadêmico, no curso de Direito.

Expliquei para Carmem sobre a relevância desta pesquisa e seus objetivos, fizemos a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido e então começamos. A respeito das questões sobre a parte dos obstáculos enfrentados ela respondeu colocando suas peculiaridades que serão apresentadas a seguir. Questionei sobre sua frequência no grupo, ou seja, com qual frequência ela participa das reuniões, ela disse que havia participado de duas reuniões até o momento. Depois perguntei se ela percebe alguma dificuldade para participar, considerando ela ter participado apenas dessas duas reuniões, ela respondeu:

Não tem dificuldade, pois se há prioridade, dá para participar.
(Carmem entrevistada em 17 fevereiro de 2022)

Já que ela não tem tido dificuldade tentei entender como ela percebe a própria participação nestes dois encontros, como ela se vê, ela relatou:

Eu tenho poucas participações, no geral é mais oralidade. (Carmem entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

Ou seja, ela quis dizer que nos momentos em que há a necessidade de uma participação com escrita, através da escrita da ATA, por exemplo, ou escritade outros textos, ela não participa tanto. Mas que participa mais oralmente, através das reuniões e atividades em que envolvam a participação através dafala.

Como ela disse que teve poucas participações e é mais na oralidade, busquei identificar qual tipo de ação promovida pelo NUMNEGRAS que ela se interessa mais em participar, até mesmo para compreender em que medida elase relaciona com o grupo e ela relatou:

O que me interessa mesmo é uma área que seja social.(Carmem entrevistada em 17 de fevereiro de 2022)

Por fim, entrevistei também Vanusa, de 39 anos, estatura alta, cabelos cacheados na altura dos ombros, cor dos olhos claros, pele não-retinta, que usa adereços grandes e coloridos, por vezes turbantes, roupas com alusão à personagens negras/os da história na sociedade brasileira, maquiagem com cores intensas. Vanusa possui ensino superior completo, é pedagoga, se intitula como mulher preta, é cisgênero, solteira, heterossexual, candomblecista, sem filhos, moradora de um bairro periférico em Feira de Santana/BA.

Vanusa é uma das integrantes pela qual eu tenho grande admiração e respeito, suas lutas são diárias e tem tentado conseguir sobreviver em meio aospercalços da desigualdade social e racial do país. Tanto nas reuniões quanto fora delas, ela se coloca também à disposição para ajudar as outras e comparecenas ações e reuniões com frequência. Quando a convidei para entrevista, ela se colocou à disposição de formaimediata, e mesmo em meio às suas demandas pessoais e profissionais, se prontificou a colaborar com a pesquisa acerca do núcleo. Quando citei que iríamos falar sobre os obstáculos enfrentados, questionei sobre sua frequência no grupo, ou seja, com qual frequência ela participa das reuniões, ela disse apenas: “A minha frequência é regular”.

E depois perguntei se ela percebe alguma dificuldade para participar, considerando que sua frequência é regular, ao que ela respondeu que percebe dificuldade em particular. Para entender melhor esta afirmação tão sucinta, questionei sobre sua participação nos encontros e ela disse que era regular. Esta

entrevista feita com Vanusa em abril não consegui compreender muito bem o que ela quis dizer e então busquei identificar qual ação que ela se interessa mais em participar das ações e debates que são promovidos pelo NUMNEGRAS e ela relatou o seguinte:

O que me interessa mais em participar são as ações que envolvem questões de violência contra mulheres; religião e também deformação de mulheres. (Vanusa, entrevistada em 2 de abril de 2022)

As ações que envolvem questões de violência dizem respeito ao repúdio que ela mesma apresenta no grupo em relação aos casos de misoginia e feminicídio em Feira de Santana, quando coloca de forma incisiva e contínuas tentativas de mobilização contra os casos em que as mulheres são vítimas de violência em nossa cidade. Ela também comenta a importância do respeito às religiões de matrizes africanas, inclusive ela faz parte de uma dessas e se interessa bastante quando há esta temática.

Depois, perguntei a ela se já precisou faltar atividade de estudos ou trabalho para participar de alguma atividade do núcleo, afinal ela é pedagoga, e ela relatou que não precisou faltar atividade de estudos ou trabalho para participar de atividades do núcleo. Logo depois perguntei a ela sobre como ela se desloca para participar de ações presenciais, ela respondeu que em caso de ações presenciais se desloca de ônibus.

Apesar de a narrativa ser sucinta, a realidade de Vanusa denota pelo menos três questões principais que dizem respeito aos obstáculos vivenciados pela mesma. A primeira questão é o fato de que ela reside em um bairro periférico distante do centro da cidade, o bairro que Vanusa mora se chama Santo Antônio dos Prazeres e o local onde ocorrem algumas das ações do núcleo é na Avenida Getúlio Vargas, no centro da cidade de Feira de Santana/BA dentro de um espaço chamado Mercado de Artes Popular.

Considerando o seu percurso de ônibus, para engajar-se nas ações é necessário que acompanhe os itinerários das linhas de ônibus do bairro ou tente se deslocar com uma van que faça o percurso da sua residência até o centro. Uma

Figura 7 - Foto de protesto

segunda questão é a segurança para que possa se deslocar com tranquilidade, pois o bairro em que Vanusa reside tem em seu histórico casos recorrentes de homicídios, como mencionado no Jornal Grande Bahia em 2018, notícia que foi publicada com a imagem a seguir:



FONTE: Jornal Grande Bahia, 2018

Vanusa reside em um bairro periférico em Feira de Santana/BA, semelhante a outros em que vivem várias das integrantes do NUMNEGRAS, como o bairro Rua Nova, já referido e onde eu mesma nasci e cresci e ainda hojeresido. Tais bairros são caracterizados pela ausência de serviços e oportunidades, se caracterizando como locais de exclusão e desigualdade.

Neste capítulo, foram apresentados os obstáculos enfrentados pelas mulheres na mobilização política, considerando o que foi colocado nas entrevistas realizadas, assim como de inferências de dados que estão nas entrelinhas ou silenciados, mas que pude observar a partir de meu próprio lugar de fala como participante do grupo que é objeto desta pesquisa.

O fato delas não falarem tanto quanto eu esperava e serem sucintas faz parte das circunstâncias limitadas da pesquisa online, mas percebo que tenho condições de ver as dificuldades porque eu conheço a realidade estudada, e tenho feito observações etnográficas em várias circunstâncias de situações similares. É, de fato, essa a vantagem de ser uma pesquisadora nativa e engajada, pois, para além das entrevistas formais, há também as conversas informais e/ou observações a partir da minha experiência pessoal no campo e conhecimento anterior destas mulheres.

Algo que me surpreendeu muito nesta pesquisa foi o fato de que muitas disseram nas entrevistas que não têm dificuldades em participar do grupo. No entanto, depois de um tempo de quase dois anos me debruçando na literatura sobre

as feministas negras e sua agenda política, pude identificar que, apesar disso, os enfrentamentos e o cenário das lutas das mulheres negras em Feira de Santana/BA são similares aos vivenciados por outras mulheres negras em outros contextos similares. Desta forma, apesar das respostas sucintas, pude identificar os seguintes desafios enfrentados: dificuldade com o acesso ao meio virtual; deslocamento; conciliação com rotina e atividades domésticas/pessoais; falta de interesse e ausência de tempo suficiente para estar presente.

No início do capítulo algumas razões foram colocadas como hipóteses, sugeridas enquanto fatores que dificultam a participação das integrantes na mobilização política, tais como a maternidade; a conjugalidade; a classe e/ou outros desafios. Embora a maternidade não tenha sido citada por nenhuma das mães entrevistadas como um obstáculo de forma explícita, sabe-se que mulheres negras chefes de família apresentam mais dificuldade devido a intersecção entre raça, classe e gênero.

É importante salientar também que a maioria dessas mulheres não possui transporte próprio, reside em bairros periféricos com índice de exclusão social e violência, territórios estes que são distantes do Mercado de Artes, um dos locais onde ocorre ações do núcleo atualmente, tornando explícito que a classe delas também é baixa. Por isso é tão importante movimentos de resistência articulados para que torne explícito a necessidade dos órgãos responsáveis pensarem o planejamento urbano e não urbano considerando o protagonismo das mulheres negras, principalmente as mulheres negras e pobres.

Outro fator presente é a questão da ausência de divisão de tarefas domésticas nos casos das mulheres que têm relacionamentos, ou seja, além de cuidar da conjugalidade, de si mesmas e da mobilização política, também precisam gerenciar e fazer as atividades domésticas rotineiramente. Um exemplo disso na prática seria cozinhar para o cônjuge, que é uma realidade da sociedade patriarcal e desigual em relação ao gênero, pois, mesmo sendo seus pares negros, eles ainda têm privilégio por serem homens.

Nas falas destas mulheres pode-se notar também a solidão da mulher negra e em situações de monoparentalidade, em que acumulam múltiplas tarefas de cuidado sem ajuda, seja com crianças e/ou pessoas mais velhas que recaem assim sobre a mulher negra a responsabilidade de dar conta de tudo e de todos, estas

mesmas mulheres que sofrem com precariedade de serviços e assistência do Estado, como é relatado abaixo:

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial. (Silva, 2003:1).

Acrescento que essas mulheres negras, apesar de conseguirem realizar uma mobilidade social por meio da educação, continuam enfrentando uma série de dificuldades em seu cotidiano para se manter e chefiar lares. Assim, apesar do silêncio delas e das respostas sucintas, podemos concluir que essas mulheres têm tido muitas dificuldades e que é com um esforço muito grande, e não por serem “naturalmente fortes”, que ainda encontram tempo e energia para participarem em algo coletivo em que acreditam e que pode beneficiar outras mulheres negras em situações similares a elas.

Quanto a conjugalidade, algumas delas precisaram priorizar estar com seus companheiros e/ou companheiras em determinados momentos e então se atrasaram ou se ausentaram de alguma atividade. Convido a leitora nesse momento a refletir comigo essas informações obtidas através das observações no campo e das entrevistas, onde foram apresentados os obstáculos enfrentados pelas mulheres negras e as estratégias para enfrentar estes desafios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresento aqui algumas considerações finais em relação à pesquisa, iniciando pela retomada do meu tema geral e a apresentação dos resultados, assim como os objetivos alcançados, sugestão de melhorias e reflexão acerca da justificativa da pesquisa. Como já dito, o tema deste estudo surgiu da minha própria experiência enquanto mulher negra jovem, oriunda da periferia de Feirade Santana, mais especificamente da Rua Nova, estudante universitária e participante da Associação Cultural Moviafro. Uma das minhas inspirações para esta escrita é a escritora Maria Carolina de Jesus, em meio à favela de Canindé, na cidade de São Paulo, que resistiu em meio às desigualdades raciais e escreveu.

A pesquisa foi realizada na cidade de Feira de Santana/BA, onde mulheres negras se reúnem na Associação Cultural Moviafro na luta contra o racismo e em prol da equidade de gênero. Analisei como a mobilização política das mulheres negras se caracteriza por meio de entrevistas semiestruturadas com elas, contextualizando a história da Associação Cultural Moviafro. Essa contextualização

foi feita através dos arquivos virtuais publicados pela Moviafroe das redes sociais que observei de forma participante. Deste modo, fiz um mapeamento da linha histórica da associação desde a sua fundação até os dias atuais, considerando suas principais ações afirmativas e mobilizações políticas em Feira de Santana e região.

Busquei informações sobre os movimentos negros e relatei com a história da associação também. Além disso, identifiquei as estratégias de mobilização política e os desafios enfrentados pelas mulheres na luta, através das entrevistas semiestruturadas e de observações no campo. Também a partir das entrevistas, examinei as percepções destas mulheres sobre mobilização política, e sobre sua participação no Núcleo de Mulheres, e pude identificar alguns temas principais que permeiam suas falas, tais como: quilombamento, troca de experiências, espaço de organização política, empoderamento, ancestralidade.

Além de identificar e analisar os significados dados pelas interlocutoras sobre mobilização política e sobre o Núcleo, identifiquei também alguns obstáculos comuns enfrentados pelas mulheres na mobilização política, considerando o que foi colocado nas entrevistas realizadas, assim como de inferências de dados que estão nas entrelinhas ou silenciados, mas que pude observar a partir de meu próprio lugar de fala como participante do grupo o qual é objeto desta pesquisa.

Elas não falaram muito e, em geral, foram sucintas ao abordarem os obstáculos enfrentados na mobilização política, mas percebo que tive condições de ver as dificuldades porque eu conheço a realidade estudada, e fiz observações etnográficas em várias circunstâncias. Considero isso uma vantagem de ser uma pesquisadora nativa e engajada, pois, para além das entrevistas formais, há também as conversas informais e/ou observações a partir da minha experiência pessoal no campo e conhecimento anterior destas mulheres.

Algo que me surpreendeu muito nesta pesquisa foi o fato de que muitas disseram nas entrevistas que não tem dificuldades em participar do grupo. No entanto, depois de um tempo de quase dois anos me debruçando na literatura sobre as feministas negras e sua agenda política, pude identificar que, apesar disso, os enfrentamentos e o cenário das lutas das mulheres negras em Feira de Santana/BA são similares aos vivenciados por outras mulheres negras em outros contextos. Desta forma, apesar das respostas sucintas, onde identifiquei os seguintes desafios enfrentados: dificuldade com o acesso ao meio virtual; deslocamento; conciliação

com rotina e atividades domésticas/pessoais; falta de interesse/motivação e ausência de tempo suficiente para estar presente. Assim, concluo que essas mulheres negras apesar de conseguirem realizar uma mobilidade social por meio da educação, continuam enfrentando uma série de dificuldades em seu cotidiano para se manter e chefiar lares.

Durante estes dois anos, percebi que a mobilização política para este grupo se configura enquanto o somatório de estratégias de resistência e sobrevivência desenvolvidas por estas mulheres, unindo forças e defendendo uma causa coletiva para mudar a realidade racista, sexista e misógina que afetadas mulheres negras. O NUMNEGRAS, para elas, representa acolhimento, força, afeto, um espaço de vida e troca de experiências importantes, uma forma acolhedora de contato entre mulheres negras, assim como um espaço político de empoderamento do povo negro, de cultura, de arte e ancestralidade, além de espaço de organização política.

O diferencial desta pesquisa é que atuei com dois papéis distintos, sendo estas de militante e pesquisadora, e ainda por vezes também de amiga, o que revelou a necessidade do processo contínuo de vigilância epistemológica. Eu tive muitas dificuldades, não sabia ao certo como transitar entre o campo acadêmico, o pessoal, e o movimento de mulheres negras, até pensei em desistir, afinal exigiu um processo constante de remodelagem de categorias analíticas e de aproximação e distanciamento no campo de pesquisa.

Gostaria de ter feito toda a pesquisa presencialmente e ter descrito as gestualidades, as vestimentas, situar a entonação de voz e comportamento das integrantes. Enquanto pesquisadora, isso me deixou muito tensa, no meu próprio corpo repercutiu certo mal-estar diante desse fato e me deparei com um lugar de frustração e insatisfação, precisei de suporte da orientadora neste momento. A observação durante o processo se tornou um pouco mais nebuloso do que o normal e isso pode ter comprometido uma análise mais completa acerca de cada uma delas, em relação a determinadas perguntas que foram feitas. No entanto, espero ter contribuído para uma melhor compreensão da realidade de mulheres negras ativistas, mais especificamente na literatura acerca das intersecções entre as categorias raça, classe e gênero e como estas delineiam a mobilização política de mulheres negras no interior da Bahia, suas motivações, obstáculos e conquistas.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Matheus e BISPO, Vander. **Bahia: 96,9% das pessoas assassinadas pela PM são negras**. Disponível em: <www.pstu.org.br> Acesso em 27 de setembro de 2022.

ANJOS, Waneska. **Agenda governamental e movimento negro na bahia (1999 – 2009)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - faculdade de filosofia e ciências humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - PPGCS. Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 112, 2010. ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 3 pp. 92-100, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300012>> Acessado em 17 Jul 2002.

AZEVEDO, Amailton. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 70, pp. 44-58, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i70p44-58>> Acessado em 14 jul 2022.

BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, nº 2, 1995, pp.458-463 <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>> Acessado 22 ago. 2016.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Educação para a democracia. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, n. 38, pp. 223-237, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451996000200011>>. Acessado em 17, Dez, 2010.

BRASIL, Eric. Muitos caminhos até chegar ao samba. **Revista Tempo**, v. 23, n.2, pp. 414-420, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2017v230213>> Acessado em 10 de julho de 2022.

BRITTO, Clovis Carvalho. A organização das feministas negras no Brasil, Núbia Regina Moreira. **Cadernos Pagu** [online]. 2012, n. 38 [Acessado 24 Novembro 2022], pp. 433-440. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100016>>. Epub 24 Jul 2012. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100016>.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes Editora, 2007.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, pp. 117-133, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S010340142003000300008>>. Acessado em 20 fev 2022.

CARDOSO, Cláudia. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, pp. 965-986, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300015>>. Acessado em 28 nov 2021.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, n. 10 v. 1, pp. 171-188, 2002. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2211784&forceview=1>> Acesso em: 27 de setembro de 2022.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento . **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p.117-133, 2003. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés**, 2013.

CAMPOS, Amanda Alves. **A valorização do negro no Brasil e o afroempreendedorismo**. 2018. 28 f. Monografia (Graduação em Administração) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within*:: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>. Acesso em: 4 out. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso*. **Cadernos Pagu** [online]. 2017, n. 51 [Acessado 24 Novembro 2022] , e175118. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201700510018>>. Epub 18 Dez 2017. ISSN 1809-4449: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510018>.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, pp. 171-188, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>> Acesso em: 4 out. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=p>> Acesso em: 4 março de 2022.

DOS SANTOS, M. C. Formação, transgressão e rupturas na Literatura Negro-brasileira escrita por mulheres. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 30, n. 57, p. 70–80, 2021. DOI: 10.26512/cerrados.v30i57.38264. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/38264>. Acesso em: 24 nov. 2022.

FERNANDES, Viviane Barboza e Souza; CHRISTIANO, Maria Cecilia Cortez. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 00, n. 63, pp. 103-120, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>> Acessado em setembro 2022.

FERREIRA, Sibebe de Jesus. **Mulheres negras em Durban: as lideranças brasileiras na Conferência Mundial contra o Racismo de 2001**. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2020.

FIGUEIREDO, A. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p. 1-24, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>> Acesso em: 4 out. 2022.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38–47, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>> Acesso em: 27 set. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, pp. 167-182, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>> Acessado em 22 Set 2022.

GOMES, Nilma. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, 2011, Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19971>> Acesso em 27 set. 2022.

GOMES, Nilma. **O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Editora vozes, 2017.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41 2009. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>> Acesso em 23 nov. 2021.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 454-78., 1995. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>> Acesso em 23 set 2022.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz, **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MALCHER, Monique e Rial, Carmen Silvia. Quem tem medo do feminismo negro? A urgência do debate racial no Brasil. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2019, v. 27, n. 3 [Acessado 24 Novembro 2022] , e60959. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n360959>>. Epub 21 Out 2019. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n360959>.

MORAES, Greice Moreira. **Bando anunciador na festa de Sant'Ana em Feirade Santana (1860-1988)**. Disponível em: <<http://vencontro.anpuhba.org/>>.

MOREIRA, N. R. **A organização das feministas negras no Brasil**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

MUNANGA, Kabengele, A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, pp. 51-66, 2004. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100005>> Acessado em 08 Ago 2022.

NASCIMENTO, A. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Revista do Instituto de Estudos Avançados**, n.18, v. 50, p.209-224, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a19v1850.pdf>> Acesso em: 27 de setembro de 2022.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

PARADIS, Clarisse Goulart. A tradução do pensamento de Angela Davis para o Brasil: por uma história das origens interseccionais do feminismo. **Cadernos Pagu**. 2020, n. 58, pp. 1-7. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449202000580018>>. Acessado em 03 Ago 2021. ISSN 1809-4449.

PEREIRA, Júnia Sales e Miranda; SONIA Regina. Laicização e Intolerância Religiosa: desafios para a História ensinada. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 1, 2017, pp. 99-120, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623661108>> Acessado em 5 de Julho de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2008, v. 16, n. 3 [Acessado 24 Novembro 2022] , pp. 987-1004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300017>>. Epub 27 Mar 2009. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300017>.

RIOS, Flavia. O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010). **Lua Nova: Revista de Cultura e Política** [online]. 2012, n. 85 [Acessado 24 Novembro 2022] , pp. 41-79. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452012000100003>>. Epub 10 Maio 2012. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452012000100003>.

RODRIGUES, Cristiano e Freitas, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciência Política** [online]. 2021, n. 34 [Acessado 24 Novembro 2022] , e238917. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238917>>. Epub 03 Mar 2021. ISSN 2178-4884. <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238917>.

SILVA, Gleicy Maily da. Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. **Horizontes Antropológicos**. 2019, v. 25, n. 54, pp. 173-

201, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200007>>. Acessado em 05 Ago 2022.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. **Revista de Antropologia**. 2002, v. 45, n. 1, pp. 273-278, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-77012002000100013>>. Acessado em 12 de março 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SANTOS, Boa Ventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, pp. 237-280, 2002. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF> Acessado em 12 de março 2022.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In:.....**Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, pp. 535-549, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>> Acessado em 23 set 2022.

ANEXOS

Para identificar a trajetória de cada participante foram elaboradas perguntas sobre estes temas. Além de traçar um perfil socioeconômico das mulheres, as entrevistas foram realizadas com roteiro semiestruturado com as seguintes questões norteadoras:

1. Quando começou a participar de lutas no município?
2. Quando começou a se interessar por política, chegou a se filiar a algum partido, fez parte de movimento estudantil ou movimentos sociais?
3. Como escolheu o Núcleo Moviafro de Mulheres Negras?
4. O que é mobilização política para você?
5. O que o NUMNEGRAS significa pra você?
6. O que mais você valoriza no NUMNEGRAS?
7. O que você menos gosta?
8. Participaria de outro núcleo?
9. Como é a sua motivação de participar do núcleo?
10. Como você atua no núcleo? E as outras participantes?
11. Com qual frequência você participa das reuniões do núcleo?
12. Você percebe alguma dificuldade para participar?
13. Como tem sido sua participação do núcleo?
14. Qual ação você se interessa mais em participar?
15. Pessoas da sua família e amigos também participam ativamente?

16. Você já precisou faltar atividade de estudos ou trabalho para participar de alguma atividade do núcleo?

17. Como você se desloca para participar das ações presenciais?

Para identificar os obstáculos enfrentados pelas mulheres do NUMNEGRAS na mobilização política em Feira de Santana/BA, foram feitas algumas perguntas específicas sobre as formas de participação políticas e/ou culturais destas mulheres.

Perguntas feitas às mulheres:

- a. Com qual frequência você participa das reuniões do núcleo?
- b. Você percebe alguma dificuldade para participar?
- c. Como tem sido sua participação no núcleo?
- d. Qual ação você se interessa mais em participar?
- e. Pessoas da sua família e amigos também participam ativamente?
- f. Você já precisou faltar atividade de estudos ou trabalho para participar de alguma atividade do núcleo?
- g. Como você se desloca para participar das ações presenciais?